



PUC RIO

ARY BAND

UM EXAME CRÍTICO DO CONCEITO FREUDIANO DE
"INSTINTO DE MORTE" ("TODESTRIEB")

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
Rio de Janeiro, 31 de julho de 1977.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

<http://www.puc-rio.br>

ARY BAND

UM EXAME CRÍTICO DO CONCEITO FREUDIANO DE
"INSTINTO DE MORTE" ("TODESTRIEB")

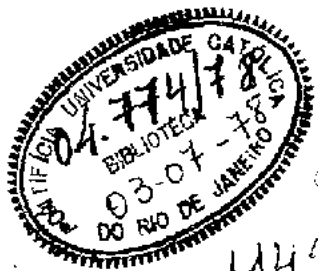
Dissertação apresentada ao
Departamento de Psicologia
da PUC/RJ como parte dos
requisitos para obtenção
do título de Mestre em
Psicologia Clínica.

Orientador: Carlos Paes
de Barros

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 31 de julho de 1977.

77990



114264

160
BCH
RESE-UC
SC 2

Meus agradecimentos

- ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, pelo apoio e interesse dos colegas,
- à CAPES, pela ajuda financeira recebida durante o curso,
- a todos os que incentivaram minha formação acadêmica,
- a Carlos Paes de Barros, mestre e amigo, pela dedicação, pela lucidez e pela compreensão com que orientou e acompanhou este trabalho,
- aos alunos.

RESUMO

O conceito de "instinto de morte" assumiu extraordinária importância na bibliografia psicanalítica, não só pelo prestígio de seu criador - Sigmund Freud - como pela sua aceitação e valorização, que alguns dos mais brilhantes e influentes psicanalistas, posteriormente lhe deram. Este trabalho procura fazer um exame crítico da origem e do significado desse conceito.

Procuramos mostrar de que modo a tradução inadequada de "Trieb" por "instinto", aliada às distorções feitas pelo próprio Freud, ao argumentar a favor da existência de um "Trieb" de morte ("Todestrieb"), conduziu à formulação indevida de uma nova categoria instintiva - o "instinto de morte".

Procuramos desenvolver neste trabalho: uma análise do conceito freudiano de "Trieb" e de suas traduções; uma visão sumária do desenvolvimento do Aparelho Psíquico - o "cenário" dos eventos que constituem o processo "instintivo"; uma descrição desse processo "instintivo", a partir da "experiência" de satisfação; um pequeno resumo da teoria dos sistemas em equilíbrio, à luz da qual nos foi possível examinar o ciclo "instintivo"; e finalmente, um exame crítico do conceito de "Todestrieb" e da sua tradução indevida, o "instinto de morte", concluindo pela sua inadequação e inutilidade.

ABSTRACT

The concept of the "death instinct" has gained an extraordinary importance in the psychoanalytic literature, not

only because it has been proposed by a man with the status of Sigmund Freud, but also because it has subsequently been accepted and valued by some of the most brilliant and influential psychoanalysts. This discussion is an attempt at a critical examination of the origin and the significance of this concept.

It has been demonstrated how the inadequacy of the translation of "Trieb" by "instinct", together with some distortions made by Freud himself, when arguing in favor of the existence of a death "Trieb" (Todestrieb), has led to the inappropriate formulation of a new class of instinct: the "death instinct".

We have attempted to present in this essay: an analysis of the Freudian concept of "Trieb" and of its translations; a brief survey of the development of the Psychic Apparatus - the "scene of action" of the events that correspond to the "instinctual" process; a description of this "instinctual" process in an "experience of satisfaction"; a short outline of the theory of systems in equilibrium on which it could be based; an evaluation of the "instinctual" cycle; and finally a critical examination of the concept of "Todestrieb" and of its inadequate translation - the "death instinct" - , with the conclusion that this concept is both inadequate and superfluous.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	1
1.1 - Objetivo deste trabalho	1
1.2 - Algumas das influências recebidas por Freud ..	1
1.3 - Fenômenos psicológicos como concomitantes-depen- dentes de fenômenos neurofisiológicos	3
1.4 - Aparelho Psíquico	3
1.5 - A Metapsicologia e os enfoques topográfico, di- nâmico e econômico	4
1.6 - A importância da Metapsicologia	4
1.7 - Os capítulos de que se compõe este trabalho	5
2 - TRIEB ("INSTINCT"; "INSTINTO") E INSTINKT (INSTINCT; INS- TINTO).....	9
2.1 - A tradução de "Trieb" e de "Instinkt"	9
2.2 - As várias designações para "Trieb"	11
2.3 - "Trieb" é um processo	13
3 - O DESENVOLVIMENTO DO "APARELHO PSÍQUICO"	17
3.1 - O sistema phi (ϕ)	17
3.2 - O sistema psi (ψ)	18
3.3 - O sistema psi-nuclear (ψ_N)	19
3.4 - O sistema psi-pallium (ψ_P)	20
3.5 - O sistema psi-pallium inibido (Ego)	21
3.6 - O Aparelho Psíquico	22
3.7 - O sistema ômega (ω)	22

4 - O PROCESSO "INSTINTIVO"	24
4.1 - A "Tensão de Necessidade"	24
4.2 - A primeira ocorrência do processo "instintivo".	26
4.3 - As ocorrências subsequentes do Processo "instintivo"	28
4.4 - O <u>desejo</u>	30
4.5 - A <u>satisfação de necessidade</u>	33
4.6 - Forças perturbadoras e forças compensadoras ...	34
5 - EQUILÍBRIO	36
5.1 - O Princípio de Constância	36
5.2 - Princípio de Constância e Estabilidade	39
5.3 - A velocidade das transformações de um sistema..	40
5.4 - Repouso, imobilidade e estado de equilíbrio ..	41
5.5 - Equilíbrios cinético, dinâmico e energético	42
5.6 - Equilíbrio verdadeiro	42
5.7 - Equilíbrio de estado estacionário ("steady-state")	43
5.8 - Equilíbrio móvel	44
5.9 - Deslocamento de equilíbrio	45
5.10 - Os limites de tolerância	46
5.11 - A ruptura de equilíbrio	46
5.12 - Equilíbrio e desenvolvimento (ou involução)...	47
5.13 - Os elementos de um estado de equilíbrio	48
5.14 - No processo "instintivo" há uma volta a <u>uma</u> configuração de equilíbrio	48
6 - "INSTINTO DE MORTE"	50

6.1 - O Princípio do Prazer	50
6.2 - A "Compulsão à Repetição"	52
6.3 - <u>Além</u> do Princípio do Prazer	55
6.4 - "Todestrieb"	58
6.5 - Compulsão à repetição e desenvolvimento	59
6.6 - A lógica da criação do "Todestrieb"	62
6.7 - Não há necessariamente volta ao estado anterior	63
6.8 - "Drang" não é "Trieb"	64
6.9 - Não confundir: <u>ciclo vital</u> (e anulação da ten- são vital - ou MORTE) com <u>ciclo "instintivo"</u> (e diminuição da tensão libidinal - que não é MORTE)	65
6.10 - A passagem de "Todestrieb" para "instinto de morte"	67
6.11 - As dúvidas de Freud	67
7 - CONCLUSÕES	69
8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73

1 - INTRODUÇÃO

1.1 - Objetivo deste trabalho.

Esse trabalho visa empreender um escrutínio mais rigoroso de certos conceitos metapsicológicos, como o "instinto" ("Trieb" no original alemão) e o "instinto de morte" ("Todestrieb" em alemão), sendo indispensável o estudo do primeiro para que se possa tentar esclarecer o segundo. Embora seja impossível, com esse objetivo, deixar de levar em conta os três pontos de vista da Metapsicologia - topográfico, econômico e dinâmico -, é principalmente o enfoque dinâmico que será abordado com mais ênfase, porque é o que está relacionado com o estudo daqueles conceitos.

1.2 - Algumas das influências recebidas por Freud (1, 2, 60, 61 e 62).

Muitas foram as influências que Freud recebeu ao longo de sua formação. Dentre as influências filosóficas, uma das primeiras e mais importantes foi a de Goethe, Stricker e Brucke, seguidores de Helmholtz, foram os mestres com quem aprendeu, respectivamente, uma Fisiopatologia como alteração da Fisiologia normal, e uma Fisiologia evolucionista como uma Física do organismo. Com Breuer descobriu, através de um caso de histeria¹, que existiam fatores emocionais como causas das doenças nervosas e que a hipnose serviria para chegar a elas.

1 - O caso de Anna O.

As famosas aulas das terças-feiras, em Paris, dadas por Charcot despertaram-lhe grande interesse, nelas se reafirmando a crença de que a histeria teria origem funcional e não anatômica¹. O uso que Charcot fazia da hipnose incentivou Freud a recorrer a Bernheim, em Nancy, para aprender esta nova técnica. Darwin e Spencer, com suas concepções bio-evolucionistas, foram outros autores que exerceram decidida influência sobre a futura obra freudiana. As idéias de lesão de conceito e isolamento associativo² de Janet foram por ele aceitas e desenvolvidas. De Jackson adquiriu a visão de um sistema nervoso com vários níveis de integração e dos fatos psicológicos como concomitantes-dependentes de certos fatos fisiológicos.

O interesse de Freud pelos fenômenos psicológicos da histeria, evoluiu para o interesse nos fenômenos psicológicos do sistema nervoso. Para, entretanto, estudar a psicopatologia da histeria, precisava conhecer a fisiopatologia do sistema nervoso; para conhecer a fisiopatologia do sistema nervoso necessitava conhecer a fisiologia do sistema nervoso. Este era muito precário na época (por volta de 1890), o que o obrigou a construir um modelo de Fisiologia do Sistema Nervoso, a que chamou de Metapsicologia, em termos de uma Física do Sistema Nervoso.

1 - Charcot chamou de neuroses às doenças funcionais do sistema nervoso.

2 - Para Janet, ter-se-ia uma paralisia de braço (quando não há lesão orgânica), por haver uma lesão de conceito de braço, ou seja, ocorreria um isolamento dos engramas referentes ao braço, que ficariam inacessíveis à associação com os outros conceitos do campo da consciência.

1.3 - Fenômenos psicológicos como concomitantes-dependentes de fenômenos neurofisiológicos.

Esta procura de fórmulas neurofisiológicas para tentar explicar fenômenos psicológicos, fez com que se tornassem importantes para Freud, as idéias de Jackson acerca da relação existente entre os fenômenos psicológicos e certos fenômenos fisiológicos que com eles se interligam. Freud considera os eventos psicológicos como concomitantes-dependentes (35 pg. 207 e 10 pg. 70) de processos neurofisiológicos ocorrendo numa determinada parte do sistema nervoso. Os processos mentais não seriam então causados por processos físicos; eles seriam epifenômenos psíquicos (1 pg. 92), isto é, seriam apenas fenômenos que acompanham, concomitante e dependentemente, os eventos neurofisiológicos, em nada os modificando. Estes eventos neurofisiológicos abrangeriam portanto toda a cadeia causal explicativa, que se esgotaria no organismo (6 pg. 85) sem necessidade de recorrer aos fenômenos psíquicos que lhe são concomitantes. Metodologicamente, porém, Freud trata de relação entre os dois tipos de fenômenos como se fossem paralelos, o que lhe permite estudá-los com maior facilidade (1 pgs. 92 e 96).

1.4 - Aparelho Psíquico.

A região do sistema nervoso onde ocorrem os processos neurofisiológicos substratos dos processos psíquicos, Freud chamou de Aparelho Psíquico. A princípio tentou localizar esta região no sistema nervoso conhecido na época (12), para de-

pois desistir, determinando-a de forma topográfica, isto é, existente espacialmente (19 e 39 pg. 196), mas sem preocupação por sua localização anatômica (23 pg. 537 e 29 pgs. 174/175) ou por sua ordem espacial (23 pg. 537). Com isto ele desenvolveu um modelo neurofisiológico explicativo para os epifenômenos psicológicos correspondentes; o Aparelho Psíquico, uma entidade física, construída hipoteticamente, onde se originam os fenômenos neurofisiológicos subjacentes ao comportamento manifesto (3 pg. 69).

1.5 - A Metapsicologia e os enfoques topográfico, dinâmico e econômico.

O Aparelho Psíquico, sendo um construto bio-físico, submete-se às leis da Física, podendo-se portanto estudar (a) as energias que nele intervêm, (b) as forças que então decorrem e (c) as estruturas de que ele se compõe. O estudo da estrutura e do funcionamento do Aparelho Psíquico é o objetivo da que Freud chamou de Metapsicologia e que pode ser vista, respectivamente, segundo seus aspectos econômico (a), dinâmico (b), e topográfico (c) (29 pg. 181).

1.6 - A importância da Metapsicologia.

Para poder explicar certos fenômenos psicológicos e alguns quadros psicopatológicos, Freud sentiu a necessidade de, através de uma nova técnica investigativa - a técnica de investigação psicanalítica -, criar uma nova ciência - a Psi-

canálise teórica -, da qual faz parte importante a Metapsicologia, e que deu origem a uma nova técnica psicoterapêutica - a técnica psicanalítica (1 pg. 106). Da mesma forma que Barros (1 pg. 107) e Sá Earp (61 pgs. 11 e 76), desejamos também enfatizar a necessidade de se tentar classificar e sistematizar a teoria psicanalítica para que ela possa continuar a ser uma ciência investigativa e uma fonte de validação da psicoterapia psicanalítica, e não um "movimento" dogmático. Queremos acentuar, em especial, a importância que nos parece ter o estudo do Aparelho Psíquico - a Metapsicologia - para que esse objetivo seja atingido:

"... a constante referência às hipóteses metapsicológicas dão unidade aos estudos psicanalíticos e possibilitam o uso do método científico de elaboração teórica acompanhada das verificações empíricas nessa área do conhecimento. Há então a possibilidade de um desenvolvimento crescente dos conhecimentos com a elaboração de hipóteses explicativas cada vez mais refinadas e a utilização de uma tecnologia derivada e paulatinamente mais precisa". (61 pgs. 76/77)

1.7 - Os capítulos de que se compõe este trabalho.

Como "Trieb" é um conceito complexo, dificilmente traduzível, utilizado por Freud, de forma ambígua, para designar diferentes partes da atividade psicobiológica, dedicaremos o segundo capítulo¹ para a investigação dos vários significados

1 - Esta Introdução foi considerada como capítulo 1.

que ele lhe atribuiu e para discutir as diferentes traduções' em uso na literatura psicanalítica, já que a tradução de duas palavras alemãs por uma única inglesa trouxe alguns transtornos para o estudo da Psicanálise. O exame, feito neste capítulo, das várias designações que Freud atribuiu ao termo "Trieb", vai nos servir de base para a análise crítica, feita no capítulo 6, do conceito de "Todestrieb".

No terceiro capítulo, veremos uma exposição sumária da topografia do Aparelho Psíquico, delineado por Freud em 1895 (19), o que nos servirá de ponto de referência para os capítulos subsequentes. Aquifaremos uma breve descrição dos sistemas criados por Freud no seu Projeto para uma Psicologia Científica: o sistema phi; o sistema psi e sua evolução para os sistemas psi nuclear e psi pallium; o sistema psi pallium inibido (Ego); o Aparelho Psíquico; e o sistema ômega. É nesse cenário topográfico que se desenrolam os acontecimentos físico-psíquicos relativos à vida mental.

Poderemos então, no quarto capítulo, examinar as "vicissitudes" por que passam os "instintos" nas várias regiões que hipoteticamente "percorrem" dentro do sistema nervoso construído por Freud, analisando aí a existência e o significado das forças perturbadoras e das forças compensadoras, que se relacionam com o funcionamento do Aparelho Psíquico. Estudaremos então: o surgimento da "tensão de necessidade"; a primeira vivência do processo "instintivo"; as ocorrências subsequentes desse processo; a importância do "desejo" para o funcionamento desse processo; e a "satisfação da necessidade"

e a possibilidade de utilização do modelo da teoria de equilíbrio para explicar todo o processo "instintivo".

Esse processo revela a necessidade de nos determos um pouco sobre o conceito de "equilíbrio", o que faremos no quinto capítulo, onde tentaremos verificar como este conceito está subjacente às idéias que Freud apresentou ao tratar dos "instintos". Veremos como o conceito de equilíbrio aparece, implícita e explicitamente, em vários trechos da obra freudiana; estudaremos as noções de repouso, imobilidade e de estado de equilíbrio; descreveremos os vários tipos de equilíbrio (verdadeiro, "steady-state", móvel, e deslocamento de equilíbrio) e a ruptura de equilíbrio; discutiremos os elementos a serem considerados num estado de equilíbrio; e finalmente analisaremos o ciclo "instintivo" à luz destas considerações sobre equilíbrio.

O capítulo 6 será dedicado ao estudo e crítica do conceito de "instinto de morte" ("Todestrieb") onde tentaremos analisar o seu surgimento e as incongruências do seu estabelecimento. Começaremos por verificar que Freud usou dois Princípios do Prazer, e veremos como, a partir da observação clínica de uma compulsão à repetição, ele considerava haver algo além do Princípio do Prazer que identifica como um "Trieb" de morte, um "Todestrieb". Estudaremos então esta compulsão à repetição como podendo significar uma parte de um processo de desenvolvimento, examinando criticamente os argumentos que levaram Freud a estabelecer o conceito de "Todestrieb", e a tradução de "Todestrieb" que o transforma em um "instinto de morte".

Terminaremos o capítulo mostrando as dúvidas que Freud revelou ter, em relação ao conceito que estava criando, ao longo de todo o Além do Princípio do Prazer (32).

O capítulo 7 conterá as conclusões a que poderemos chegar em função do exame crítico desenvolvido nos capítulos anteriores.

2 - TRIEB ("INSTINCT"; "INSTINTO") E INSTINKT (INSTINCT; INSTINTO).

Malentendidos e confusões existem, e continuam sendo criados, na bibliografia psicanalítica, no que se refere ao emprego de muitos conceitos fora de seus contextos históricos ou mesmo distantes de seus significados teóricos. Isto sugere a utilidade de se buscar aclarar o modo como se entrelaçam as diferentes proposições teóricas da Psicanálise, desde quando se as cita e define até a tentativa de novas formulações. Parece-nos necessário, portanto, dispendir esforços para procurar facilitar o entendimento do pensamento psicanalítico e da sua terminologia e para buscar utilizar seus termos com mais precisão e em maior relação com o marco teórico no qual se originaram, pois assim acreditamos poder reduzir aquelas várias fontes de malentendidos e confusões.

2.1 - A tradução de "Trieb" e de "Instinkt".

O termo "Trieb", introduzido por Freud para designar o complexo processo "instintivo" que opera na mente e que envolve o soma¹ e o mundo externo, teve várias tentativas de

1 - Embora para Freud soma seja a parte do organismo que não é sistema nervoso, há alguns momentos (32 pg. 46) em que ele o emprega como sendo o conjunto de todas as células do corpo exceto as germinativas. Dreyer faz o mesmo, afirmando ser soma um termo geral correspondente à todas as células do corpo exceto as germinativas, para logo a seguir definir distúrbios somáticos como "perturbações do corpo, excluindo, e se contrastando com, os distúrbios nervosos". (6, pg.275) Harriman tem uma concepção mais genérica dizendo simplesmente que somático é aquilo que pertence ao corpo (41, pg. 308).

tradução, dentre as quais podemos citar "instinct", "drive", "impulsion" e "urge" em inglês; "pulsion" e "tendance" em francês; "instinto", "pulsão" e "impulso" em português.

Strachey defende (63 pg. xxv) o uso que faz da palavra "instinct" para traduzir "Trieb", alegando ter escolhido uma palavra "obviamente vaga e indeterminada"¹, já que Freud adotou vários significados para "Trieb"; com isto, entretanto, lembra Strachey, surge uma "única e pequena complicação" (63 pg. xxv), pois Freud também usa a palavra "Instinkt" cuja tradução é ainda "instinct".

Freud estabelece uma distinção clara entre "Instinkt" e "Trieb" (43 pg. 19), parecendo-nos provável que a tradução de duas palavras alemãs por uma única inglesa é que tenha gerado tanto a confusão quanto a necessidade subsequente de elucidação². Para Freud, "Instinktiv" é o comportamento fixado por hereditariedade, característico da espécie, aparecendo então de forma quase idêntica nos indivíduos que a compõem (49 pg. 507). É este mesmo o sentido das palavras "instinct" e "instinto", mas o seu emprego para representar

1 - "Instinct" não nos parece tão vago e indeterminado, sendo uma constante nos dicionários atribuir-lhe o mesmo significado que Freud dá a "Instinkt", ou seja, um impulso congênito (6 pgs. 139/140 e 40 pg. 730), significado já consagrado em Biologia.

2 - Numa passagem (18 pg. 266) em que Freud emprega (adequadamente) "Instinkt", Strachey considera (inadequadamente) (63 pg. xxv) seu uso como sinônimo de "Trieb".

"Trieb" em inglês e em português respectivamente, trata uma mistura desnecessária e perturbadora.

2.2 - As várias designações para "Trieb".

Como traduzir "Trieb" então? É claro que poderíamos ir escolhendo cada um de vários outros termos até encontrar aquele que mais nos satisfizesse, mas isso seria escamotear a dificuldade real que se nos apresenta, e que é compreender o significado que Freud quis atribuir ao conceito.

No Projeto para uma Psicologia Científica (19 pg. 297) Freud, comparando os estímulos exógenos com os endógenos, diz que destes últimos o organismo não pode fugir como faz em relação aos primeiros, necessitando realizar uma ação específica no mundo exterior para que eles cesse. Isso é repetido nos Instintos e suas Vicissitudes (27 pg. 118), mas na nova comparação ele chama os estímulos endógenos de "Trieb". Nos Três Ensaio sobre a Sexualidade ele também fez o confronto: "By an 'instinct'¹ is provisionally to be understood the psychical representative² of an endosomatic, continuously flowing source of stimulations, as contrasted with a 'stimulus', which is set up by single excitation coming from without" (24 pg. 168). Aqui então, "Trieb" não é equivalente a estímulo endógeno e sim ao seu representante psí-

1 - "Trieb".

2 - O grifo é nosso.

quico, e isso é reafirmado nos Instintos e suas Vicissitudes:
"... an 'instinct' appears to us as ... the psychical repre-
sentative of the stimuli originating from within the orga-
nism..." (27 pgs. 121/122). Mas, na Repressão, Freud fala em
"...psychical... representative of the instinct..." (28 pg.
148), parecendo então voltar ao Projeto para uma Psicologia
Científica e às primeiras páginas dos Instintos e suas Vicis-
situdes, onde os "Triebe" corresponderiam apenas aos estímu-
los endógenos. Voltando porém aos Instintos e suas Vicisseitu-
des, completemos algumas das lacunas da citação feita acima:
"... an 'instinct' appears to us as a concept on the frontier
between the mental and the somatic¹, as the psychical repre-
sentative of the stimuli originating from within the orga-
nism... (27 pgs. 121/122). Numa mesma frase Freud fala de
"Trieb" como representante psíquico de estímulos endógenos e
como um conceito na fronteira entre o mental e o somático.

Isto é aparentemente contraditório, pois "Trieb" seria
algo especificamente psíquico e ao mesmo tempo fronteiraço
entre o psíquico e o somático.

Como poderíamos entender esta situação fronteiraça que
Freud atribui ao "Trieb"? Deveríamos considerá-la como "...
uma espécie de delegação enviada pelo somático ao psiquismo".
(49 pg. 508) como o querem Laplanche e Pontalis, o que não
explicaria a contradição apontada acima, ou deixamos de nos

1 - O grifo é nosso.

preocupar com ela, considerando, com Strachey, que "... its solution lies precisely in the ambiguity of the concept itself..." (52 pg. 113)?

2.3 - "Trieb" é um processo.

Esta situação de fronteira pode ficar talvez mais compreensível se considerarmos que Freud estaria querendo afirmar que o conceito de "Trieb" pertence tanto à esfera somática quanto a que corresponde à mental, e nesse caso não seria mais apenas equivalente ao estímulo endógeno nem se referiria somente ao seu representante psíquico; abrangeria ambos os sentidos. No manuscrito em que Freud ensaia, ainda em 1894, uma explicação para a origem da angústia, ele já revela, embrionariamente, estas idéias quando fala de "...physico-psychical tension..." (16 pg. 192). O conceito de "Trieb" estaria, portanto, sendo percebido por Freud de forma bem alargada, de modo a englobar partes distintas de um mesmo processo, cuja complexidade fica bem flagrante em outras passagens de sua obra. É, por exemplo, bem ampla a descrição que ele faz deste processo, quando, ao explicar o mecanismo de neurose de angústia, afirma que "... this somatic excitation is manifested as a pressure on the walls of the... vesicles, which are lined with nerve endings; thus this visceral excitation will develop continuously, but it will have to reach a certain height before it is able to overcome the resistance of the intervening path of conduction to the cerebral cortex and express itself as a psychical stimulus..

the group of... ideas which is present in the psyche becomes supplied with energy and there comes into being the psychical state of... tension which brings with it an urge to remove that tension. A psychical unloading of this kind is only possible by means of... a specific or adequate action... that consists... in a complicated spinal reflex act which brings about the unloading of the nerve endings, and in all the psychical preparations which have to be made in order to set off that reflex" (22 pg. 108). Embora não utilizando o termo "Trieb", aqui já se delineiam: a origem somática das tensões; o limiar a ser ultrapassado para que elas possam seguir seu caminho; a continuidade de sua atuação; a entrada no aparelho psíquico; a catexização de engramas; o impulso para a descarga; e as ações específicas e adequadas para obtenção da satisfação da necessidade. Mostra-se aqui, enfim, a percepção de todo um processo onde seus elementos se encontram interligados.

A existência desse complexo processo, cuja descrição Freud sempre baseou no funcionamento do arco reflexo¹, fica ainda mais evidente quando ele discute certos termos referentes ao conceito de "Trieb" nos Instintos e suas Vicissitudes. É aqui que ele fala sobre pressão, alvo, objeto e fonte de um "Trieb":

1 - Na Interpretação dos Sonhos Freud diz que "...the psychical apparatus must be constructed like a reflex apparatus. Reflex processes remain the model of every psychical function (23 pg. 538).

Pressão ("Drang") de um "Trieb" é "...the amount of force or the measure of the demand for work..." (27 pg. 122)

O alvo ("Ziel") de um "Trieb" ... is in every instance satisfaction, which can only be obtained by removing the state of stimulation at the source of the instinct". (27 pg. 122)

O objeto ("Objekt") de um "Trieb" é "... the thing in regard to which or through which the instinct is able to achieve its aim. It is what is most variable about an instinct and is not originally connected with it, but becomes assigned to it only in consequence of being particularly fitted to make satisfaction possible" (27 pg. 122).

A fonte ("Quelle") de um "Trieb" corresponde a "... the somatic processes which appears in an organ or part of the body and whose stimulus is represented in mental life by an instinct" (27 pg. 123).

Com o que Freud afirma nesses dois artigos citados (22 e 27), podemos dizer que ele considerava ser "Trieb" um processo deflagrado no soma, onde se originaria, a partir de um certo limiar de excitação, uma força com atuação contínua, capaz de suprir com energia o aparelho psíquico, estabelecendo tensões, tendo por alvo a satisfação da necessidade, ou seja, a remoção do estado de estimulação somática, o que vai ser tentado através da procura do objeto adequado e das descargas correspondentes.

"Trieb", para Freud, não é então apenas somático nem apenas mental; não é o que se passa na fonte nem o que se passa no aparelho psíquico; "Trieb" é tudo isso, isto é, corresponde ao que se processa desde a origem da tensão somática até a sua remoção pela satisfação (ou a evitação de um objeto hostil criador de tensão de dor ou ainda a agressão a este objeto hostil). É todo um complexo processo, que, uma vez iniciado, segue inevitavelmente os caminhos previamente traçados no sistema nervoso, tanto filogenética quanto ontogeneticamente. É um processo que começa na fonte somática como uma "força perturbadora" (que Freud também chama de "Trieb")¹ que altera o estado de equilíbrio do sistema, fazendo com que este coloque em funcionamento uma força compensadora² que tem por função colocá-lo novamente em um estado de equilíbrio³.

1 - Em Além do Princípio do Prazer (32), fica claro que é a esta parte do processo que Freud se refere quando fala em "Todestrieb". Isto será examinado com detalhes no capítulo 6.

2 - Freud chamou esta força compensadora, este impulso para a descarga de "Drang".

3 - Esta última frase ficará melhor explicada após a leitura dos capítulos 4 e 5 deste trabalho.

3 - O DESENVOLVIMENTO DO "APARELHO PSÍQUICO".

Para podermos acompanhar o que se passa com os "instintos", desde seu despertar até sua extinção, enveredando portanto pelos caminhos do enfoque dinâmico da Metapsicologia freudiana, achamos ser necessário fazer uma revisão de certos conceitos dos enfoques topográfico e econômico. Nestes, não nos deteremos muito, já que outros trabalhos deles se ocuparam com detalhes (1, 3, 56, 58, 61).

Vejamos sucintamente como se desenvolveu e se estruturou o Aparelho Psíquico hipotetizado por Freud. Antes porém, devemos fazer a ressalva de que somente descreveremos rapidamente o primeiro dos três critérios (1 pg. 87) utilizados por Freud para organizar topograficamente o Aparelho Psíquico: o critério evolutivo do Projeto para uma Psicologia Científica de 1895 e da Interpretação dos Sonhos (23 pgs. 601 a 603) de 1900. Deixaremos de lado, por não serem imprescindíveis para esse trabalho, o critério de acessibilidade à consciência, introduzido na Interpretação dos Sonhos (embora aqui sua posição ainda fôsse evolutiva) e desenvolvido em 1915 no O Inconsciente, assim como o critério chamado estrutural de O Ego e o Id de 1923.

3.1 - O sistema phi (φ).

Seguindo uma linha de pensamento evolucionista, de adaptação às "exigências da vida" (3 pg. 68 e 19 pg. 297), derivada das idéias de Spencer e Darwin (3 pg. 43 e 7 pg.29)

adotando a concepção de hierarquia e superposição de níveis de integração de Jackson (1 pg. 43), e de acordo com o protótipo do arco reflexo elementar, Freud constrói, hipoteticamente, o seu modelo de organização do sistema nervoso, ao qual também atribui a possibilidade de involução (regressão). Ele considera que a origem desse modelo se dá num sistema neurônico primitivo, a que denominou de sistema neurônico phi (Φ). Este sistema, obedecendo ao que Freud chamou de princípio de Inércia - tendência do sistema a manter em zero seu nível energético ou tensional -, recebe energia dos estímulos exógenos e esta energia (corrente) é apenas transmitida, num processo puramente propagativo, para os elementos eferentes (motores), de modo a realizar uma descarga ou uma fuga. Este sistema tem por função realizar este processo, e a esta função Freud designou de Função Neurônica Primária (FNP).

3.2 - O sistema psi (Ψ).

O sistema phi evolui filogeneticamente para formar o sistema neurônico psi (Ψ), (que se diferenciara em psi nuclear e psi pallium), que faz fronteira¹ com o soma (isto

1 - Freud é monista materialista, não aceitando como solução da problemática metafísica corpo-mente uma relação do tipo causa-efeito para eventos fisiológicos e processos mentais; para ele existe determinismo causal, mas na fronteira entre o soma e o sistema nervoso, sendo os processos mentais, como já foi dito acima, concomitantes-dependentes dos processos neurofisiológicos do aparelho psíquico.

é, com a parte do organismo que não é sistema nervoso). Este sistema recebe energias das fontes somáticas, e, não mais obedecendo ao Princípio de Inércia, é capaz de armazená-las, em virtude da resistência a sua passagem que os neurônios de que se constitui opõem nas suas barreiras de contato¹. Ao conjunto dessas energias, passíveis de serem armazenadas, agora pela melhor permeabilidade das barreiras de contato do sistema psi, Freud chamou de catexia.

3.3 - O sistema psi-nuclear (Ψ^N).

O sistema psi, por sua vez, se desenvolve e se desdobra em duas camadas. A camada original, designada por sistema neurônico psi-nuclear (Ψ^N), continua a receber energia apenas do soma e, regida pelo que Freud chamou de Princípio de Constância - tendência do sistema a manter constante e mínimo o seu nível energético ou tensional -, livra-se do acréscimo de energia, isto é, do acréscimo de catexia, acima do nível de constância, através de vias motoras pré-fixadas, realizando reflexos adequados. A esta função, a ser atualizada por esse sistema, Freud chamou de Função Neurônica Secundária (FNS).

1 - O termo barreiras de contato corresponde ao termo sinapse, criado posteriormente (56 pg. 7). O sistema phi também é provido de barreiras de contato, mas com tal permeabilidade que a energia que nele penetra não sofre resistências capazes de permitir sua acumulação dentro do sistema, isto é, a intensidade da energia que entra é maior do que os limiares de transmissão energética dos elementos constitutivos de phi.

3.4 - O sistema psi-pallium ($\Psi\Psi$)¹.

A nova camada, que se desenvolve a partir dos neurônios nucleares, é bem mais complexa que a primeira e recebe o nome de sistema neurônico psi-pallium ($\Psi\Psi$)². Ela recebe energias, tanto das fontes exógenas, através do sistema phi, como das fontes endógenas, através do sistema psi-nuclear; seu desenvolvimento é obtido portanto, tanto por influências externas como por exigências internas. Além das funções típicas do sistema psi-nuclear, esse novo sistema exerce outras funções, obedecendo a uma espécie de "Princípio de Relações Objetivas" (3 pg. 84) e que abrangeriam: o registro de imagens mnêmicas dos eventos cognitivos (objeto de satisfação e objeto hostil) e afetivos (prazer e desprazer) ocorridos; o estabelecimento de associações, por meio de facilidades, entre essas imagens; a evocação destas imagens sempre que se reiniciarem no soma os processos que originaram sua formação; a manifestação de desejo em relação ao objeto de satisfação e de repulsa em relação ao objeto hostil; e a capacidade de satisfazer o desejo e de repelir o objeto hostil de forma "biologicamente inadequada" (indentidade perceptual

1 - Chamado por Freud, em 1900 na Interpretação dos Sonhos, de "first psy system" (23).

2 - Freud, mesmo no Projeto para uma Psicologia Científica (19), poucas vezes se referiu a esse sistema com esta designação. A esse novo sistema ele quase que invariavelmente designa por sistema psi simplesmente, o que reaparece na Interpretação dos Sonhos (23 pg. 537).

alucinatória e repressão primária¹, respectivamente). A execução dessas funções Freud atribuiu a designação de Processo Psíquico Primário (PPP), onde há a tendência à realização de desejos² e à defesa primária (repulsa pelo objeto hostil)³.

3.5 - O sistema psi-pallium inibido (Ego)⁴.

É o princípio da Realidade que vai regular o surgimento e a manutenção de um novo sistema desenvolvido a partir do psi-pallium, pois a ameaça que representa a atuação exclusiva dos processos psíquicos primários, faz com que ocorra sua inibição para que também os dados de realidade se tornem parte do funcionamento psíquico do indivíduo. Esta inibição se processa através da ligação das catexias livres e por meio do "ego", ou seja, de "toda a massa catéxica" (3 pg. 84), formando-se assim o sistema neurônico psi-pallium' inibido (ou ligado) pelo "ego", ao qual Freud também chamará de Ego, em 1923, no O Ego e o Id (33). Este novo sistema procura executar, através de psi-nuclear, uma "ação específica" levando à "satisfação de necessidade", o que, em con-

- 1 - Primária porque deixa energizar e depois reprime. Na secundária há um bloqueio e a energia não chega a entrar no sistema.
- 2 - Ver "The Experience of Satisfaction" (19 pgs. 317 a 319).
- 3 - Ver "The Experience of Pain" (19 pgs. 320/321).
- 4 - Chamado por Freud, em 1900 na Interpretação dos Sonhos, de "second psi system" (23).

junto com as funções de psi-pallium, representam o grupo de funções cuja consecução Freud denominou de Processo Psíquico Secundário (PPS)¹.

3.6 - O Aparelho Psíquico.

O psi-pallium e o "Ego" constituem o Aparelho Psíquico a que fizemos referência na introdução a este trabalho. Eles é que formam esta entidade biofísica, hipotetizada topograficamente por Freud, onde se processam os fenômenos neurofisiológicos de que são concomitantes-dependentes os fenômenos psicológicos, e cuja existência é considerada real, embora não haja preocupação pela sua localização anatômica.

3.7 - O sistema ômega (Ω).

Paralelamente aos processos evolutivos descritos brevemente acima, fez-se necessário explicar como seriam percebidas as diferentes qualidades dos eventos ocorridos, ou seja, como se originariam as diversas sensações conscientes. Freud postulou então a existência de um sistema perceptual, o sistema ômega (Ω), cuja função seria a de perce

1 - É interessante observar que Freud fez uma mistura de termos ao atribuir a existência de um processo para a execução das funções destes dois últimos sistemas e de uma função para as capacidades dos dois primeiros. Nada impediria que ele usasse processo nos quatro sistemas, se quisesse se referir à atualização de suas funções, ou função para todos eles, se quisesse indicar suas potencialidades.

ber, sem entretanto registrar (35), todos os eventos decorrentes de estímulos exógenos, endógenos e endo-psíquicos.

Estes são, portanto, basicamente, os elementos constituintes do cenário topográfico onde se desenrolam os eventos neuro-psicológicos. Com isto, podemos então passar a examinar os detalhes da "experiência de satisfação" de necessidades biológicas, através da qual o processo "instintivo" se mostra em toda sua complexidade.

4 - O PROCESSO "INSTINTIVO".

4.1 - A "tensão de necessidade".

Pode ocorrer, no soma, uma necessidade biológica (de alimentação, sexo, etc.) que ocasiona energia química (liberação ou produção de certas substâncias químicas) em suas células (19 pg. 321 nota 2, 24 pg. 215, e 37 pg. 240). Decorrente desta necessidade biológica, é então gerada uma energia potencial¹ (3 pg. 86). Como esta energia pertence a um sistema em que o potencial vai ser diferenciado - por razões estruturais² -, surge então uma diferença de intensidade, uma tensão³. Para melhor compreender o significado desta tensão, podemos exemplificar dizendo que no interior de uma sala, embora havendo potencial gravitacional ("Triebkraft") para cada objeto nela situado, não há nenhuma força ("Triebfeder"), podendo-se verificar a existência de uma diferença de potencial, de uma força, no caso por exemplo de se colocar esses objetos num plano inclinado.

Quando o soma tem todas as necessidades satisfeitas, isto é, quando não há nenhuma carência biológica, há um es-

1 - "Triebkraft" no original alemão.

2 - Que serão esclarecidas no próximo capítulo.

3 - "Triebfeder" (19 pg. 316) ou "Spannung" (22 pg. 45 e 108). Strachey usa aqui (19 pg. 316) "mainspring" para traduzir "Triebfeder", enquanto que Barros usa "driving force" (3 pg. 86). "Feder" corresponde realmente a "spring", mas "Triebfeder" se refere à tensão de uma mola e, homologicamente, à tensão que move o Aparelho Psíquico.

tado de equilíbrio¹; na medida em que aparece uma necessidade, processa-se então um afastamento desse estado de equilíbrio. Esse afastamento de um estado de equilíbrio, num sistema estruturado de forma a restaurar uma configuração de equilíbrio perdida, é que direciona a energia que surgiu com a necessidade, diferenciando-a de modo a formar uma tensão isto é, uma força, que se propaga ao sistema neurônico.

Esta força pulsionadora, motivacional, é a tensão de necessidade²; é a "força perturbadora", externa ao sistema neurônico, que vai realizar um trabalho sobre ele. Ela vai servir de estímulo endógeno para o sistema neurônico, com o qual o soma faz fronteira, nele também gerando tensões.

Portanto, a necessidade biológica gera uma atividade bio-química das células somáticas, o que ocasiona uma energia ("Triebkraft"). Como esta energia se encontra em um sistema em que o potencial vai apresentar diferenças de intensidade, surge uma força ("Triebfeder"). Esta força motivacional, ou força pulsionadora básica, funciona como estímulo para o sistema neurônico, transferindo portanto a diferença de potencial - o desequilíbrio havido no soma - para o sistema que se lhe segue na sequência de sistemas neurônicos

1 - Ver o capítulo seguinte.

2 - "Bedurfnisspannung" no original alemão.

de Freud, ou seja, o sistema neurônico psi-nuclear. Este de equilíbrio corresponde ao surgimento de um potencial, diferente do mínimo, isto é, diferente do nível constante, significando um afastamento em relação ao estado de equilíbrio existente previamente, quando as necessidades do soma estavam satisfeitas. Este afastamento, em relação ao nível de constância, corresponde ao que ele chamou de aumento de tensão em psi-nuclear. É preciso, porém, para que se realize esta transferência, que a força gerada no soma atinja um certo limiar, pois, aquém dele, ela não é capaz de romper as barreiras de resistência existente entre o soma e o sistema psi-nuclear.

4.2 - A primeira ocorrência do processo "instintivo".

Considerando, para maior clareza de exposição, que estamos numa etapa de desenvolvimento em que ainda não se teria formado o sistema neurônico psi-pallium, o aparecimento desse desequilíbrio (dessa tensão), que se transmite do soma para o sistema neurônico psi-nuclear, acarreta o surgimento de um impulso para descarga¹. Isto pode ser explicado pelo que Freud chamou de Princípio de Constância, ou, como veremos no próximo capítulo, pelo fato de que o sistema tem a tendência de restaurar uma configuração de equilíbrio. Este impulso para a descarga (para restabelecer um estado de

1 - "Orang" no original alemão.

equilíbrio) é tentado inicialmente de duas formas. Há uma descarga visceral - a expressão de emoções -, que corresponde ao choro do bebê faminto (este choro serve também para que ele manifeste que está com desprazer, sendo então uma espécie de sinalização para os outros, ou seja, uma forma de comunicar ao exterior o que se passa no seu interior). É claro que essa expressão de emoção inicial adquire mais tarde vários graus de sofisticação, transformando-se em outros tipos de descarga afetiva. Há, além disso, uma descarga motora músculo-esquelética, que corresponde à sucção do bebê (ato consumatório), e que mais tarde também vai adquirir pautas de elevado refinamento, já que, no decurso do desenvolvimento, essa descarga músculo-esquelética se diferencia em outras formas de ato consumatório e também de conduta apetitiva¹.

Estas duas formas de descarga são de caráter instintivo, ou seja, são feitas por pautas congênitas. São parte do arco reflexo instintivo que se processa nesse sistema neurônico nuclear.

Quando a mãe oferece o seio ao bebê e ele succiona, o alimento é ingerido, suprindo então a carência existente, isto é, dando-lhe a satisfação da necessidade, desde que a quantidade seja suficiente para isto.

1 - Já com psi-pallium funcionando, como veremos adiante.

A primeira ocorrência "instintiva", então, é realizada num conjunto que inclui o soma, o sistema neurônico psi-nuclear e o mundo exterior.

4.3 - As ocorrências subsequentes do processo "instintivo".

Admitindo agora o surgimento do sistema neurônico psi-pallium e do sistema ômega, vemos que o processo se inicia da mesma forma, mas que o aumento de tensão em psi-nuclear se transfere, por seu lado, uma vez atingido um determinado limiar, para o sistema psi-pallium. Todos os eventos ocorridos nesse processo, tanto no soma, como em psi-nuclear, como no exterior, são percebidos pelo sistema ômega e registrados no sistema psi-pallium. É no sistema ômega que se configura a sensação de desprazer correspondente ao desequilíbrio em psi-nuclear e no soma. Mas esse sistema não é capaz de registrar estes acontecimentos; isto é feito no sistema neurônico psi-pallium (35), que registra tudo que acontece no mundo exterior (exôgeno), no organismo (mundo endôgeno) e no próprio Aparelho Psíquico (endopsíquico). Este registro, isto é, o estabelecimento dos engramas mnêmicos, corresponde a uma alteração estrutural permanente no tecido do sistema neurônico psi-pallium. Após as experiências - exôgenas, endôgenas e endopsíquicas - percebidas pelo sistema ômega, ficam registradas as memórias respectivas.

Ao haver uma primeira vivência de um processo "instin

tivo", ficam, pela primeira vez, registrados os elementos¹, que a compõem, e a experiência de satisfação de necessidade faz com que se estabeleçam facilitações² entre estas várias memórias. O bebê passa a ter memórias e estas memórias são associadas pelas facilitações aprendidas. Ao conjunto de registros e facilitações que ficaram em *psi-pallium* após a ocorrência de um processo "instintivo", Freud chamou de representante psíquico³.

Numa segunda vivência do processo "instintivo", que se inicia com nova tensão de necessidade, as memórias são evocadas sucessivamente, em virtude da existência das facilitações. O bebê sente fome, por exemplo, e, por associação, entre as memórias registradas anteriormente, haverá evocação de todo o grupo de engramas interligados - memória da fome, memória do seio, e memória quinestésica do reflexo de sucção, etc.⁴

Esta evocação corresponde à energização dos engramas pelas quantidades de afeto (ou catexias). As memórias correspondentes aos aumentos de tensão (desprazer) e às dimi-

- 1 - Embora esses não sejam os primeiros fatores a serem registrados, já que traços filogenéticos também fazem parte do repertório de memórias do recém-nascido (fantasias originárias ou primitivas).
- 2 - Estas facilitações representam uma função de aprendizagem.
- 3 - Ver capítulo 2.
- 4 - Freud fala em associação entre a tensão nuclear e duas imagens mnêmicas apenas - a memória do objeto de satisfação (seio) e a memória quinestésica do reflexo adequado (19 pg. 319).

nuições de tensão (prazer), são "estruturas afetivas", que se transformam em "estados afetivos" por evocação, ou seja, por energização através das catexias.

4.4 - O desejo¹.

Todos esses eventos, entretanto, não teriam significado, se não fosse haver o desejo - a tendência a restabelecer uma identidade entre a percepção e a memória do objeto de satisfação. O desejo é que marca a essência da função de psi-pallium. Embora não esteja explícito nos escritos de Freud (19), devemos considerar o desejo² como sendo filogenético. O desejo nasce com psi-pallium, fazendo portanto parte da estrutura desse sistema. O sistema neurônico psi-pallium tem portanto, capacidades, filogeneticamente adquiridas, de: 1) registrar percepções; 2) fazer facilitações entre essas memórias registradas; 3) desejar; 4) vincular o desejo à memória do objeto de satisfação.

No primeiro processo "instintivo", além dos registros mnêmicos e das facilitações, ocorre a vinculação do desejo

1 - "Wunsch", "Wunschregung" ou ainda "Triebregung" em alemão, traduzidos por "instinctual impulse" ou "wisch" em inglês, e por "impulso desejoso" e "força motivacional psíquica" em português.

2 - Na primeira parte do Projeto para uma Psicologia Científica (19 pg. 317 a 322), Freud considera o desejo como um resíduo da "experiência de satisfação", mas na sua terceira parte (19 pg. 370) ele deixa entrever a possibilidade de o desejo ser uma aquisição biológica, isto é, uma herança filogenética.

como engrama do objeto de satisfação, enquanto que nos processos "instintivos" subsequentes, este desejo já se manifesta como tendência à busca de identidade perceptual entre o objeto percebido (alucinatoria ou realmente) e a memória desse objeto.

Cabe aqui fazer algumas considerações sobre a diferença estrutural introduzida pela colocação em funcionamento do sistema psi-pallium. Quando falamos na etapa do desenvolvimento em que não havia ainda sistema psi-pallium, lembramos a existência de dois tipos de descarga; uma visceral (a expressão de emoções) e outra músculo-esquelética. Essa última, que Freud chama de ação específica (19 pg. 318, e 22), vai se desenvolver e adquirir pautas de funcionamento aprimorado, podendo-se subdividi-la em dois aspectos: a busca do objeto de satisfação (ou conduta apetitiva) e o reflexo adequado (ato consumatório) (17 pg. 202).

A expressão de emoções, existente mesmo sem considerar o funcionamento de psi-pallium, tem como função ajudar a reduzir a tensão em psi-nuclear (em acordo com o Princípio de Constância) e, como vimos, a de comunicar ao mundo externo o que se passa no mundo interno. Esta comunicação, entretanto pode ser considerada como uma espécie de rudimento de busca de objeto de satisfação, busca esta que tem como origem um aprendizado filogenético, já que entre as várias respostas possíveis de serem dadas pelo organismo (quaisquer manifestações digestivas, circulatórias e respiratórias), é o choro que é usado, como fruto de uma aprendizagem filogenética.

Qual seria então a diferença entre as duas situações, com e sem entrada em funcionamento do psi-pallium, uma vez que em ambas¹ há busca de objeto de satisfação? Poderíamos dizer que as coisas se processam da seguinte forma: se o bebê não tem psi-pallium, ele chora (expressão de emoções), a mãe traz o alimento e ele o suga (reflexo adequado); com o psi-pallium, o bebê chora e espera, somente sugando após a evidência, real ou alucinatoria, de uma identidade perceptual entre o objeto percebido e a sua memória. Esta espera é que é fruto da ação do desejo, já vinculado à memória do objeto de satisfação, pois esta é que vai dirigir todo o processo energético descrito até agora, no sentido de buscar uma identidade perceptual - e portanto de buscar uma relação objetal - com o objeto de satisfação. Mas o sistema psi-pallium não é capaz ainda de distinguir o que é real, o que permite que essa identidade perceptual possa ser atingida alucinatoriamente, isto é, o bebê pode alucinar a presença do objeto de satisfação, e liberar o reflexo de sucção, sem a presença do objeto real.

Nesta fase então, vemos que a exigência básica do sistema é a percepção (alucinatoria ou real) do objeto de

1 - Sem a entrada em funcionamento de psi-pallium, há na verdade apenas uma sinalização para que a mãe seja mobilizada no sentido de trazer o objeto de satisfação para o bebê; com psi-pallium, o próprio indivíduo já traz para si este objeto. Consideramos as duas atitudes como sendo uma busca do objeto de satisfação, embora, para cada uma delas, seja diferente a forma e os recursos que podem ser utilizados.

satisfação. Numa etapa posterior de desenvolvimento - a da inibição do psi-pallium pelo "ego", ou seja, a da formação do sistema Ego - a exigência feita pelo desejo é a de haver além da percepção, um sinal de realidade desta percepção, de modo que o objeto de satisfação alucinatória não seja mais aceito como satisfação de desejo. É a partir daqui que o ser humano vai aprender a efetivamente buscar (a trazer para si) o objeto de satisfação, isto é, vai aprender a ter conduta apetitiva (19 parte IID), embora esta descoberta de condutas de busca não seja fruto apenas de desenvolvimento ontogenético e sim também de traços filogenéticos¹.

4.5 - A satisfação da necessidade.

Seguindo-se a evolução do processo "instintivo", chega-se então ao momento do encontro do objeto real de satisfação - o seio da mãe (ou a mamadeira que ela traz) - do desencadeamento do reflexo adequado - a sucção - e de ingestão do alimento. Este alimento é que vai permitir a satisfação da necessidade, mas é preciso que ele seja ingerido numa quantidade suficiente para que ela ocorra, senão a satisfação será incompleta e a tensão de necessidade será apenas diminuída.

1 - Em oposição às idéias de Locke e dos demais empiristas de que a mente seria uma espécie de "tabula rasa" (51), sem elementos de origem filogenética.

4.6 - Forças perturbadoras e forças compensadoras.

Ao longo de todo esse processo, vemos que há um jogo de várias forças, forças essas que podem entretanto ser colocadas em dois grupos: forças perturbadoras e forças compensadoras. As primeiras provocam todos os acréscimos de tensão ocorridos em quaisquer das partes do nosso cenário "instintivo" (soma, psi-nuclear, psi-pallium); as forças perturbadoras corresponderiam ao "Triebfeder" freudiano¹. As forças compensadoras corresponderiam às tendências para a descarga - aos impulsos para reduzir as tensões geradas pelas forças perturbadoras; elas corresponderiam ao "Drang" freudiano. As forças perturbadoras correspondem então ao "Trieb" e as forças compensadoras ao "Drang".

Freud afirma sempre que as tensões criadas pelas primeiras trazem consigo (22 pg. 111) a origem das segundas, mostrando como todas as partes do processo estão interligadas, formando, no conjunto, o processo "instintivo". Este sistema de forças e de suas consequências - aumento de tensões e descargas para reduzi-las - sugere a existência de uma estrutura de funcionamento de tal ordem que, a cada afastamento em relação ao nível de constância da energia em ação, o sistema responde com uma tendência a voltar a um nível constante.

1 - Que Freud também chama de "Trieb".

Estas considerações nos levam a estudar este processo segundo o modelo da teoria de equilíbrio. Isto, que faremos no próximo capítulo, vai nos permitir esclarecer o significado desse jogo de forças que ocorre no processo "instintivo", e vai nos propiciar fazer críticas ao conceito de "instinto de morte", assunto do capítulo 8.

5 - EQUILÍBRIO.

Vimos no capítulo anterior, a descrição de um processo em que forças externas ao sistema nervoso perturbam seu equilíbrio, acarretando aumentos de tensão em várias de suas partes e trazendo com elas (22 pg. 108) a tendência a se livrar destes acréscimos de modo a restabelecer um nível de tensão constante. Qual seria, para Freud, o sentido dessas perturbações desequilibradoras e das tendências re-equilibradoras por elas despertadas?

5.1 - O Princípio de Constância.

Em 1920, citando Fechner, que apresentava seu ponto de vista sobre prazer e desprazer, Freud lembra que "... pleasure and unpleasure too can be regarded as having a psychophysical relation to conditions of stability and instability"¹ (32 pg. 8). Embora sua intenção fosse relacionar o Princípio de Prazer com o Princípio de Constância, de modo a estabelecer a concomitância psicológica do primeiro em relação ao segundo, ele afirma, no mesmo texto, que "... the tendency which we thus attribute to the mental apparatus is subsumed as a special case under Fechner's principle of the 'tendency toward stability'²..." (32 pg. 9), o que é reafirmado em 1924 no Problema Econômico do Masoquismo (34 pg. 159). Em 1888

1 - O grifo é nosso.

2 - Idem.

(11), Freud já havia dito que as perturbações características da histeria correspondiam às alterações da distribuição de excitação, que normalmente é estável, do sistema nervoso, o que foi complementado em 1894 (21), onde ele acrescenta que na histeria, a distribuição de excitação é instável. Também em 1894 Freud escreve a Fliess e propõe, sugerindo apenas os títulos e subdivisões dos capítulos, o esquema de um livro (jamais escrito); um dos subtítulos indicados para os mecanismos das neuroses diz: "The neuroses as disturbances of equilibrium"¹ owing to increased difficulty in discharge" (15 pg. 187).

Em 1893, falando de lesões funcionais, Freud afirma que "Examples of an alteration of this kind would be a diminution in excitability or in a physiological quality which normally remains constant or varies within fixed limits"² (14 pg. 169). Em 1892, Freud enviava a Breuer três memorandos condensados, que iriam servir de preparação para a Comunicação Preliminar (20) feita por eles (e que somente seriam publicadas em 1940); no primeiro deles ele falava em "The theorem concerning the constancy of the sum of excitation."³ (13 pg. 147), e no terceiro, um pequeno esboço Sobre a Teoria dos Ataques Histéricos (13 pg. 151), a quinta proposição⁴ es-

1 - O grifo é nosso.

2 - Idem.

3 - Ibidem.

4 - Esta quinta proposição foi omitida, inexplicavelmente, da Comunicação Preliminar de 1893.

tabelece que "The nervous system endeavours to keep constant something in its functional relations that we may describe as the 'sum of excitation'." (13 pg. 153) Este texto, correspondendo a um primeiro enunciado do Princípio de Constância, diz do esforço que o sistema nervoso exerce para manter constante uma certa relação funcional, que na época Freud chamou de "soma de excitação" (e que é o fator intensivo¹ da energia de excitação neurônica) (1 pg. 51).

Em 1915, nos Instintos e suas Vicissitudes, Freud afirma que "... the nervous system is an apparatus which has the function of getting rid of the stimuli that reach it or of reducing them to the lowest possible level..." (27 pg.120). Em 1920, no Além do Princípio do Prazer, ele diz que "... the mental apparatus endeavours to keep the quantity of excita-

1 - O fator extensivo se refere a quantidades (massas, volumes, etc.), enquanto que o fator intensivo diz respeito à intensidade dos componentes energéticos de um determinado sistema. Para nos ocuparmos do estado em que se encontra a água que está em um copo, podemos considerar que o fator extensivo é a massa ou a quantidade das moléculas de água, enquanto que o fator intensivo seria o nível em que esta água se encontra no copo (o que corresponde à sua energia potencial). Quando nos referimos à quantidade de calor de um corpo, ou seja, às suas calorias, estamos falando de um fator extensivo, enquanto que, quando assinalamos a temperatura em graus deste mesmo corpo, estamos nos preocupando com um fator intensivo. A energia neurônica - ou energia nervosa, ou ainda energia psíquica - proposta por Freud, tem um fator extensivo - a quantidade de catexias ou quantidade de excitação: Q (1 pgs. 51/52) - e um fator intensivo - o nível dessas catexias ou soma de excitação: Q/C (1 pgs. 51/52) - no sistema nervoso por ele hipotetizado.

tion¹ present in it as low as possible or at least to keep it constant²" (32 pg. 9), e que "... a function whose business it is to free the mental apparatus entirely from excitation ' or to keep the amount of excitation in it constant³ or to keep it as low as possible." (32 pg. 62) Em 1924, ele volta a dizer que ".../[we] have... attributed to the mental apparatus the purpose of reducing to nothing, or at least of keeping as low as possible, the sums of excitation which flow in upon it." (34 pg. 159).

5.2 - Princípio de Constância e Estabilidade.

Estas referências nos levam a considerar que Freud destaca sempre a noção de equilíbrio nos enunciados a respeito do funcionamento do sistema nervoso. O princípio de Constância, que rege o funcionamento do sistema neurônico psi-nuclear, é visto por Freud como apenas um caso especial de uma tendência que o aparelho mental tem para a "estabilidade".

A fim de podermos compreender melhor esta tendência e "manter a estabilidade"⁴ num sistema como o aparelho mental,

1 - O grifo é nosso.

2 - Idem.

3 - Ibidem.

4 - Freud fala em estabilidade, mas quer dizer equilíbrio. O sistema mantém o equilíbrio porque ele é um sistema estável (estado estacionário estável), como veremos adiante.

que é uma entidade biofísica¹, necessitamos de um exame mais detalhado do conceito de equilíbrio, o que faremos a seguir.

5.3 - A velocidade das transformações de um sistema.

O conceito de equilíbrio (50 pg. 20, 52, e 58 pg. 10) pode ser entendido se verificarmos o estado² em que se encontra o sistema que estivermos estudando. Se ele estiver em transformação, haverá desenvolvimento (ou involução). As transformações cinéticas pelas quais passa um sistema representam um processo de redistribuição constante dos seus diversos componentes. O sistema se modifica permanentemente como consequência de um conjunto de transformações em sequência; e a velocidade em que se processam essas transformações é um importante elemento para a definição do tipo de equilíbrio em que ele porventura estiver. Esta velocidade de transformação dos estados de um sistema, varia em função dos fatores extensivos dos seus componentes³, dos parâmetros que definem o sistema, e dos parâmetros que definem as es-

1 - Ver a definição freudiana de Aparelho Psíquico, no capítulo 3.

2 - O estado de um sistema é dado pelo conjunto de variáveis que definem o sistema e seus componentes.

3 - Ver nota 5 na página 38 deste trabalho.

pecificidades dos componentes deste sistema¹.

5.4 - Repouso, imobilidade, e estado de equilíbrio.

Estas transformações entretanto, admitem casos particulares, isto é, casos em que os valores e as condições de seus parâmetros restringem o processo, determinando, portanto, que o sistema esteja em repouso. Esta restrição de evolução (ou de involução) pode ser feita: a) sem que haja graus de liberdade, e o sistema estará imóvel (estando equilibradas as forças de ligação); ou b) permitindo a existência de graus de liberdade, e o sistema estará então, em estado de equilíbrio. Neste último caso, o sistema apresenta possibilidade de ter o seu repouso perturbado, de modo que a cada perturbação por ele sofrida, haverá uma compensação restauradora de um estado de equilíbrio. No primeiro

1 - Numa sala, por exemplo, as características do sistema podem corresponder às paredes, ao teto, à decoração, etc., enquanto que os parâmetros definindo as características dos componentes do sistema podem ser os seres vivos - seres humanos, gatos, cachorros, peixes, etc. - que nele se encontram; os fatores extensivos seriam representados, por exemplo, pelo número de indivíduos de cada espécie presente. Para uma população de animais habitando um certo território, as características do sistema podem ser a topografia, a vegetação, o clima, etc.; as características dos componentes do sistema podem ser as espécies existentes (cavalos, búfalos, carneiros, bois, etc.), suas raças, de que se alimentam, etc.; os fatores extensivos de seus componentes podem ser representados também pelo número de elementos de cada espécie existente no local. Um experimento químico poderia ter seu parâmetro do sistema representado por um tubo de vidro, o parâmetro dos elementos do sistema por cloro e sódio, e o fator extensivo dos componentes do sistema pelas massas de cloro e de sódio.

caso, não há possibilidade de haver perturbações, não havendo também, em consequência, compensações.

5.5. - Equilíbrios cinético, dinâmico e energético.

O estado de equilíbrio de um sistema é definido não apenas pela velocidade de suas transformações mas também pelo somatório das forças em jogo no seu interior e pelo seu potencial. Dizemos que há um equilíbrio cinético quando a velocidade de transformação é nula; que há um equilíbrio dinâmico se a soma das forças é nula; e que há um equilíbrio energético se o potencial for mínimo. Dependendo de como se combinem estes três fatores do sistema - velocidade de suas transformações; somatório das forças que nele atuam, e seu potencial - teremos várias possibilidades para os tipos de equilíbrio.

Estes tipos de equilíbrio podem ser analisados com relação à constância dos parâmetros definindo o sistema e dos parâmetros definindo as características dos componentes deste sistema.

Quando os dois parâmetros são constantes, dizemos que temos um estado de equilíbrio.

5.6 - Equilíbrio verdadeiro.

Este estado de equilíbrio é chamado de verdadeiro quando houver equilíbrio cinético, dinâmico e energético.

Quando a perturbação é equipotencial, isto é, quando ela não altera o potencial existente, não necessitando portanto de

compensação, o sistema se encontra em equilíbrio verdadeiro indiferente, como no caso da bola colocada em cima de uma mesa e que pode ser empurrada para qualquer outra posição sobre esta mesa. Quando o potencial é mínimo absoluto, o sistema está em estado de equilíbrio verdadeiro estável, como por exemplo quando uma bolinha está no fundo de uma xícara. Quando o potencial não é um mínimo absoluto, o equilíbrio verdadeiro é instável, como no caso de uma bolinha precariamente equilibrada na parte externa da base de uma xícara arredondada invertida, já que qualquer perturbação do equilíbrio não será compensada¹.

5.7 - Equilíbrio de estado estacionário ("steady-state").

Se a velocidade de transformação e o somatório de forças não são nulos, mas há equilíbrio energético, diz-se que há um estado estacionário ("steady-state") ou estado de quase-equilíbrio ou ainda estado de pseudo-equilíbrio. Este é um caso particular de evolução do sistema, que é ativo, mantendo o equilíbrio através de compensações contínuas das perturbações ocorridas. A energia adquirida com a perturbação do sistema é continuamente dissipada ou descarregada como compensação. Da mesma forma que para o equilíbrio ver

1 - Podendo haver deslocamento de equilíbrio, equilíbrio móvel, ou ruptura de equilíbrio, como veremos logo adiante.

dadeiro, também para o estado estacionário pode haver equilíbrio estável, instável ou indiferente, conforme, respectivamente, o potencial do sistema seja um mínimo absoluto, o potencial do sistema não seja um mínimo absoluto, ou a perturbação seja equipotencial.

Enquanto que no equilíbrio verdadeiro os fatores extensivos e intensivos mantêm-se constantes, no estado estacionário apenas o fator intensivo fica constante, podendo variar o fator extensivo.

5.8 - Equilíbrio móvel.

Quando pelo menos um dos parâmetros de estado do sistema sofre mudanças, esse sistema pode se encontrar em equilíbrio móvel ou em deslocamento de equilíbrio.

Uma mudança lenta e vagarosa acarreta uma sucessão de estados que podem ser considerados como estando em equilíbrio, já que a pouca velocidade das transformações exerce uma espécie de frenagem, limitadora da evolução do sistema. Este pode então ser encarado como estando em equilíbrio aproximado, e o seu processo de transformação como sendo um processo contínuo. Esta situação, a que se dá o nome de equilíbrio móvel, pode ser exemplificada por um plano inclinado de pequeno ângulo de inclinação, onde um objeto desce vagarosamente obedecendo à lei da gravidade.

5.9 - Deslocamento de equilíbrio.

Deixando de lado a velocidade das transformações ocorridas no sistema e o caminho seguido para a busca de um estado de equilíbrio, consideremos somente os estados inicial e final dessas mudanças. Se esses dois estados correspondem a configurações de equilíbrio, ocorreu então, no sistema, um deslocamento de equilíbrio, já que o sistema partur bado se dirigiu, descontinuamente, através das compensações de sua estrutura, de uma configuração de equilíbrio para uma nova configuração de equilíbrio (e não para uma volta ao estado de equilíbrio existente inicialmente, como é o caso do equilíbrio estável)¹.

1 - Aqui podemos dar como exemplo os degraus de uma escada, onde um objeto cai de um degrau mais alto para um mais baixo, havendo portanto um deslocamento de equilíbrio em que cada novo degrau propicia a existência de um novo estado de equilíbrio. Pode-se dar outros exemplos de deslocamento de equilíbrio: a) Um dispositivo chamado de balsa, que apoiado num eixo, tem uma de suas partes recebendo água de uma torneira, até que o peso dessa água faz com que ele gire em torno do eixo, descarregando a, para e seguir voltar à posição original; esse movimento basculante, que é repetido enquanto houver queda de água, e que pode ser aproveitado para fins mecânicos, é obtido de forma descontínua, cada vez que o peso da água atinge um valor pré-determinado. b) O sistema de transmissão de estimulação dos neurônios é parecido com o funcionamento da balsa e se processa pela conhecida "lei do tudo ou nada". A energia vai se acumulando até que, atingido o limiar do neurônio, ela se transmite através da "sinapse", de forma descontínua, havendo portanto, aqui também, um deslocamento de equilíbrio. c) A concepção jacksoniana de desenvolvimento de níveis neurológicos em que a passagem de um nível de integração neurológica para outro nível de integração neurológica, corresponde à passagem de uma configuração de equilíbrio para outra configuração de equilíbrio, é também um exemplo de deslocamento de equilíbrio (1 pg. 43). d) O processo de desenvolvimento psíquico, onde cada momento de maturação representa um novo estado de configuração de equilíbrio, também pode servir de exemplo para deslocamento de equilíbrio.

5.10 - Os limiares de tolerância.

Todo processo perturbador de um estado de equilíbrio pode provocar manifestações diversas no sistema, de acordo com a forma de equilíbrio que caracteriza esse sistema. Temos que ter em vista, porém, que não é qualquer perturbação que permite a recuperação de uma configuração de equilíbrio para um determinado sistema. Cada sistema tem um limiar de tolerância à amplitude das perturbações; para perturbações situadas abaixo desse limiar haverá compensações (de retorno ao equilíbrio anterior, de equilíbrio móvel, ou de deslocamento de equilíbrio), e para perturbações que ultrapassam esse limiar ocorrerá a ruptura de equilíbrio. Dependendo portanto dos limites de tolerância a perturbações, limites esses inerentes ao sistema, este pode recuperar o equilíbrio perturbado por pequena amplitude, ou então ser levado a um deslocamento de equilíbrio, ou a um equilíbrio móvel no caso de amplitudes maiores, ou ainda sofrer uma ruptura de equilíbrio quando uma certa faixa de amplitude for ultrapassada.

5.11 - A ruptura de equilíbrio.

Quando há a ruptura de equilíbrio, o sistema é destruído, deixando de existir com a estrutura que lhe era característica, ou seja, ele deixa de ser sistema e passa a ser um conjunto¹.

1 - Se temos um copo de vidro em pé numa mesa e o inclinamos levemente pela borda superior de modo a levantar uma pe-

5.12 - Equilíbrio e desenvolvimento (ou involução).

Não é somente a possibilidade de voltar ao estado de equilíbrio inicial que deve ser considerada como caracterizando o estado de equilíbrio do sistema, pois esta é apenas uma das formas possíveis de equilíbrio - o equilíbrio estável (50 e 60). Na opinião de Lotka (60), não haveria desenvolvimento se os sistemas sempre tendessem a voltar a um estado de equilíbrio já existente anteriormente, e são os processos de equilíbrio móvel e principalmente de deslocamento de equilíbrio, as formas de busca da configuração de equilíbrio que melhor permitiriam explicar as transformações (de desenvolvimento e de involução) de um sistema qualquer, inclusive dos sistemas biológicos e psicológicos.

quando parte de sua base, ele volta à posição de equilíbrio inicial quando o saltamos; se entretanto lhe imprimirmos uma inclinação grande, quando o largarmos, ao invés de voltar à posição anterior, ele cairá na mesa, assumindo uma outra configuração de equilíbrio, diferente da inicial (havendo portanto deslocamento de equilíbrio); se, por outro lado, cair da mesa ao chão, ele se quebrará em vários pedaços, deixando portanto de ser o sistema "copo" inicial (havendo então ruptura de equilíbrio), passando a se constituir como um conglomerado não organizado em sistema, como um "conjunto de cacos de vidro" e não como um sistema. Na regressão da mente humana, em que ela vai passando de um estado normal para um estado neurótico, para um estado psicopático e para um estado psicótico, todos esses estados podem ser considerados como novas configurações de equilíbrio; certas regressões, entretanto, não constituem mais novas configurações de equilíbrio e sim rupturas do sistema, como seria o caso de um hebefrênico extremamente deteriorado para quem o sistema personalidade não existe mais, embora ainda permaneça vivo o sistema organismo.

5.13 - Os elementos de um estado de equilíbrio.

O que vimos até agora nos permite afirmar que são vários os elementos que devem ser levados em conta para se poder definir com clareza o estado de equilíbrio em que se encontra um sistema: a natureza da perturbação incidindo sobre o sistema, a amplitude dessa perturbação, o número e a frequência das perturbações que atuam de forma somatória sobre o sistema, os limiares que o sistema apresenta para, por exemplo, instabilidade e rutura de equilíbrio, os tipos de compensação que o sistema é definido, portanto, a partir das características das perturbações sofridas (tenham estas origem externa ou interna), e das características da estrutura desse sistema.

5.14 - No processo "instintivo" há uma volta a uma configuração de equilíbrio.

O processo "instintivo" descrito no capítulo anterior pode ser estudado à luz dessas idéias sobre equilíbrio; é um processo que tem sempre por função reconduzir o sistema a um estado de equilíbrio, após uma perturbação de equilíbrio primitivo. Esse estado de equilíbrio pode corresponder:

- a) ao estado primitivo, historicamente anterior à perturbação (equilíbrio verdadeiro estável ou estado estacionário estável);
- b) a um novo estado de sistema, que também é um estado de equilíbrio, mas que é diferente do estado de equilíbrio

primitivo (equilíbrio móvel ou deslocamento de equilíbrio).

As citações feitas nas primeiras páginas deste capítulo, revelam-nos que Freud considerou, explicitamente, nos seus trabalhos publicados, apenas a primeira das duas possibilidades de recondução do sistema nervoso a um estado de equilíbrio. O seu Princípio de Constância é, explicitamente, um princípio de busca de configuração de equilíbrio do tipo estado estacionário¹ estável, em que a perturbação sofrida pelo sistema é compensada de tal modo que ele retorna ao estado de equilíbrio existente antes da ocorrência dessa perturbação.

O fato de Freud não considerar explicitamente a hipótese de haver deslocamento de equilíbrio (ou equilíbrio móvel), assume especial importância para o exame crítico do conceito de "instinto de morte", sendo esse o assunto do nosso próximo capítulo.

1 - Dizemos que se trata de estado estacionário e não de equilíbrio verdadeiro, porque o sistema nervoso não se encontra em equilíbrio cinético nem dinâmico; a velocidade das transformações e as forças atuantes não são nulas, isto é, o sistema se acha em atividade incessante, conservando todavia um potencial (soma de excitação) mínimo (constante).

6 - "INSTINTO DE MORTE".

6.1 - O Princípio do Prazer.

O primeiro capítulo de Além do Princípio do Prazer é dedicado a uma discussão do ponto de vista econômico, em que Freud estuda o Princípio do Prazer e as circunstâncias que impedem a vigência desse princípio, já que: "...we have no hesitation in assuming that the course taken by mental events is automatically regulated by the pleasure principle." (32 pg. 7) A partir das considerações feitas por Barros na sua Contribuição à Controvérsia sobre o Ponto de Vista Econômico (1 pgs. 47/48 e 73/74), podemos constatar a ambiguidade que Freud revela nesse texto, no que se refere à explicação da regulação da vida mental pelo Princípio do Prazer, que aí é definido em três níveis: o nível somático, orgânico (satisfação de necessidade); o nível de psi-nuclear (função neu-rônica secundária); o nível de psi-pallium (processo psíquico primário)¹. Ele se refere a um Princípio do Prazer em nível somático, ou seja, de satisfação de necessidade, quando fala em "... intention of ultimately² obtaining pleasure..." (32 pg. 10). Mas Freud diz que "We have decided to relate pleasure to the quantity of excitation that is present in the mind ...; and relate them in such a manner that unpleasure corres-

1 - Ver capítulo 3 deste trabalho.

2 - O grifo é nosso.

ponds to an increase in the quantity of excitation and pleasure to a diminution" (32 pgs. 7/8), e que "The pleasure principle, then, is a tendency operating in the service of a function whose business it is to free the mental apparatus entirely from excitation or to keep the amount of excitation in it constant or to keep it as low as possible." (32 pg. 62), aqui então o Princípio do Prazer é o "concomitante-dependente"¹ do Princípio de Constância do Nível de Tensão de Catexias, estando portanto em nível de psi-nuclear, como função neurônica secundária. Freud também afirma que "We know that the pleasure principle is proper to a primary method of working on the part of the mental apparatus, but that, from the point of view of the self-preservation of the organism among the difficulties of the external world, it is from the very outset inefficient and even highly dangerous. Under the influence of the ego's instincts of self-preservation, the pleasure principle is replaced by the reality principle". (32 pg. 10), mostrando agora um Princípio do Prazer em contraposição a um Princípio de Realidade, ou seja, um processo primário se antepondo a um processo secundário de relação com objetos, claramente, então em nível de Aparelho Psíquico.

É, entretanto, o Princípio do Prazer como correlato psicológico do Princípio de Constância que vai ter interes

1 - Ver o capítulo 1 deste trabalho (Introdução).

se específico para o estabelecimento do conceito de "instinto de morte"¹, pois "The dominating tendency of mental life, and perhaps of nervous life in the general, is the effort to reduce, to keep constant or to remove internal tension due to stimuli... - a tendency which finds expression in the pleasure principle; and our recognition of that fact is one of our strongest reasons² for believing in the existence of death instincts"³. (32 pg. 55/56)

6.2 - A "Compulsão à Repetição".

A compulsão à repetição, clinicamente observada por Freud, é que serviu de ponto de partida para que ele desenvolvesse as idéias que acabariam por levar ao estabelecimento do conceito de "Todestrieb".. A princípio, a compulsão à repetição foi relacionada, por Freud, com a transferência e com a resistência: "As long as the patient is in the treatment he cannot escape from this compulsion to repeat; and in the end we understand that this is his way of remembering.

What interests us most of all is naturally the relation of this compulsion to repeat to the transference and to resistance⁴. We soon perceive that the transference is itself only a piece of repetition, and that the repetition is

1 - "Todestrieb" no original alemão.

2 - O grifo é nosso.

3 - Como já vimos no capítulo 2, "Todestrieb" é traduzido (inadequadamente) em inglês, por Strachey, como "death instinct", e em português como "instinto de morte".

4 - O grifo é nosso.

a transference¹ of the forgotten past not only on the doctor but also on to all the other aspects of the current situation. ... The part played by resistance, too, is easily recognized. The greater the resistance, the more extensively will acting' out (repetition) replace remembering". (25 pgs. 150/151)

Mais tarde, em 1920, em Além do Princípio do Prazer É QUE Freud passa a encarar a compulsão à repetição de forma' bem mais ampla, ao observar certas situações clínicas:

a) Ele descreve a brincadeira que uma criança de um ano e meio de idade faz com um carretel amarrado por um barbante, fazendo-o desaparecer e reaparecer, mostrando como esse jogo significava a repetição da situação "traumática" da mãe se ausentando. Diz Freud que "The child cannot possibly have felt his mother's departure as something agreeable or even indifferent. How then does his repetition of this distressing experience as a game fit in with the pleasure principle?" (32 pg. 15). Ele diz ainda que certas experiências assustadoras - tal como o exame de garganta feito por um médico numa criança - são os assuntos das próximas atividades lúdicas das crianças, que aplicam nos companheiros o que sofreram os adultos. Para Freud, essas situações indicam a existência de "... a yield of pleasure from another source". (32pg.17), dando evidência da operação de tendências além do Princípio do Prazer, ou seja, de tendências mais primitivas que o Princípio do Prazer, e independentes dele.

1 - O grifo é nosso.

b) Os sonhos ocorridos com as pessoas que sofrem neuroses traumáticas e com as pessoas se submetendo a um tratamento psicanalítico, repetem as situações traumatizantes, respectivamente dos acidentes e das experiências infantis. Isto é considerado surpreendente por Freud, já que não corresponderia à característica de realização de desejos que todos os sonhos teriam, não proporcionando, portanto, prazer àquele que tem esses sonhos.

c) No tratamento psicanalítico de neuróticos, o psicanalista procura substituir a neurose original do paciente por uma neurose de transferência, de modo a que este repita o material reprimido como se fosse composto de experiências atuais e na esfera do relacionamento com o psicanalista. Aqui também Freud percebe uma compulsão para repetir experiências desprazerosas: "Patients repeat all of these unwanted situations and painful emotions in the transference and revive them with the greatest ingenuity. They seek to bring about the interruption of the treatment while it is still incomplete; they contrive once more to feel themselves scorned, to oblige the physician to speak severely to them and treat them coldly; they discover appropriate objects for their jealousy; instead of the passionately desired baby of their childhood, they produce a plan or a promise of some grand present - which turns out as a rule to be no less unreal. None of these things can have produced pleasure in the past, and it might be supposed that they would cause less unpleasure to-day if they emerged as memories or dreams

instead of taking the form of fresh experiences. They are of course the activities of instincts intended to lead to satisfaction; but no lesson has been learnt from the old experience of these activities having led instead only to un-pleasure. In spite of that, they are repeated, under pressure of a compulsion."¹ (32 pg. 21)

d) Freud percebe a existência da mesma compulsão no caso de pessoas que se relacionam com seus semelhantes de tal modo que a relação sempre termina da mesma forma: o protetor que é abandonado por todos aqueles a quem protege, o sujeito que é traído por todos os amigos, o amante que termina seus relacionamentos com as mulheres sempre da mesma maneira, a mulher cujos maridos sempre caem doentes e precisam ser cuidados por ela, acabando por morrer, etc.

6.3 - Além do Princípio do Prazer.

Todas essas observações levam Freud a concluir que "... there really does exist in the mind a compulsion to repeat which over-rides the pleasure principle".² (32 pg.22), e que "Enough is left unexplained to justify the hypothesis of a compulsion to repeat - something that seems more primitive, more elementary, more instinctual than the pleasure principle which it over-rides". (32 pg. 23)

1 - O grifo é nosso.

2 - Idem.

Voltando a falar sobre os sonhos, ele afirma que "... the function of dreams, which consists in setting aside any motives that might interrupt sleep, by fulfilling the wishes of the disturbing impulses, is not their original function. It would not be possible for them to perform that function until¹ the whole of mental life had accepted the dominance of the pleasure principle. If there is a 'beyond the pleasure principle', it is only consistent to grant that there was also a time before the purpose of dreams was the fulfilment of wishes². This would imply no denial of their later function." (32 pgs. 32/33)

Mais adiante, no mesmo texto, Freud já começa a tentar explicar o que há além do Princípio do Prazer na compulsão à repetição, quando fala no caráter "instintivo" de suas manifestações: "the manifestations of a compulsion to repeat (which we have described as occurring in the early activities of infantile mental life as well as among the events of psycho-analytic treatment) exhibit to a high degree an instinctual³ character and, when they act in opposition to the pleasure principle, give the appearance of some 'daemonic' force at work". (32 pg. 35)

1 - O grifo é nosso.

2 - Idem.

3 - "Triebhaft" no original alemão, o que seria traduzido por "instintivo" se aceitássemos usar "instinto" para traduzir "Trieb".

Após supor a existência de um caráter "instintivo" nas manifestações da compulsão à repetição, Freud dá como próximos passos: a) a inversão dos "termos da equação"; b) a sua generalização; c) e a sua associação com as idéias já desenvolvidas em relação ao Princípio de Constância. Ele considera então que: a) o "instinto" é que tem por manifestação a compulsão à repetição; b) todo "instinto" traz consigo uma compulsão à repetição; e c) todo "instinto" é um impulso para restaurar um estado anterior de coisas. Se não vejamos:

"But how is the predicate of being 'instinctual',¹ related to the compulsion to repeat? At this point we cannot escape a suspicion that we may have come upon the track of a universal attribute of instincts and perhaps of organic life in general which has not hitherto been clearly recognized or at least not explicitly stressed. It seems, then, that an instinct is an urge² inherent in organic life to restore an earlier state of things which the living entity has been obliged to abandon under the pressure of external disturbing' forces; that is, it is a kind of organic elasticity, or, to put in another way, the expression of the inertia inherent in organic life". (32 pg. 36)

1 - Também "Triebhaft" no original alemão.

2 - "Instinct" traduzindo "Trieb", e "urge" traduzindo "Drang". Então aqui teríamos: ... um "Trieb" é um "Drang"... , ou, se quisermos: ... uma força perturbadora é uma força compensadora..., quando deveria ter dito: um "Trieb" é seguido de um "Drang", isto é, uma força perturbadora é seguida de uma força compensadora, em virtude do equilíbrio estacionário do Aparelho Psíquico.

Freud associa o Princípio de Constância¹, visto como um princípio de estacionariedade do sistema nervoso (volta ao estado primitivo) com o mito de Platão² da origem do relacionamento sexual (32 pgs. 57/58), para afirmar novamente que "... the origin of an instinct... [is]... a need to restore an earlier state of things". (32 pg. 57)

6.4 - "Todestrieb".

Nos capítulos V e VI de Além do Princípio do Prazer, Freud faz uma série de considerações sobre vida e morte, mortalidade e imortalidade. Ele faz uma analogia do processo "instintivo", da volta do nível de tensão energética a um estado anterior, com os processos vitais do nascimento, crescimento e morte, passando a considerar que "... an old state of things, an initial state from which the living entity has at one time or other departed and to which it is striving to return by the circuitous paths along which its development leads. If we are to take it as a truth that knows no exception that everything living dies for internal reasons - becomes inorganic once again - then we shall be compelled to say that 'the aim of all life is death' and, looking backwards, that 'inanimate³ things existed before living ones'.

1 - Ver citação anterior (32 pg. 55/56).

2 - No início os sexos eram três: homem, mulher, e a união dos dois; Zeus cortou este último ser, e as duas partes resultantes se procuraram e se juntaram num abraço. (Freud descobre que esse mito já existia na Índia, oito séculos antes de Cristo).

3 - Este é o único trecho em que Freud utiliza a palavra inanimado, sendo que em todo o resto do ensaio ele emprega, inadequadamente, o termo inorgânico.

The attributes of life were at some time evoked in inanimate matter by the action of a force of whose nature we can form the conception força perturbadora, geradora de tensão vital. It may perhaps been a process similar in type to that which later caused the development of consciousness in a particular stratum of living matter. The tension tensão vital which then arose in what had hitherto been an inanimate substance determinou o aparecimento de uma força compensadora que endeavoured to cancel itself out. In this way the first instinct came into being: the instinct to return to the inanimate state¹. (32 pg.38) Finalmente, na primeira página do capítulo VI, Freud usa, pela primeira vez o termo "Todestrieb" (32 pg. 41), que passa a ser confrontado com o "instinto de vida"² do modo a formar a última teoria freudiana, dualista, dos "instintos". Os seres vivos teriam então uma tendência "instintiva" para a auto-destruição³.

6.5 - Compulsão à repetição e desenvolvimento.

Nas duas últimas páginas do capítulo II de Além do Princípio do Prazer (32 pgs. 16/17), Freud percebe que as brincadeiras das crianças, mesmo quando baseadas em experiências desagradáveis, não são necessariamente prova da não do-

1 - O grifo é nosso.

2 - "Liebestrieb" no original alemão.

3 - A agressão será depois considerada como a manifestação do "Todestrieb" dirigido para o exterior.

minância do Princípio do Prazer. Ao longo de seu texto, Freud adota, sem se dar conta, quatro usos diferentes da "compulsão" à repetição: 1) Repetição para aprender, isto é, para estabelecer as vias facilitadas¹; 2) Repetição, ao usar as vias aprendidas; 3) Repetição, significando volta ao estado (de equilíbrio) anterior²; e 4) Repetição, significando volta a pautas arcaicas de conduta³.

Freud afirma não haver necessidade de criar um "instinto" imitativo especial para propiciar um motivo para brincar (32 pg. 17), mas deveria também acrescentar a necessidade de haver um instinto, congênito, de fazer identificações, de adotar modelos, de incorporar, de introjetar, e a possibilidade de aperfeiçoar, por aprendizagem (por repetição), essa tendência a introjetar novas pautas de conduta a partir dos modelos de identificação.

Os sonhos com repetição de situações traumáticas, também têm por função construir, canalizar, organizar o Aparelho Psíquico, o que igualmente ocorre na neurose de transferência.

Aquilo que Freud designa como "Além do Princípio do Prazer", deveria ser considerado como "Aquém do Princípio do Prazer".

1 - Ver capítulos 2 e 3 deste trabalho.

2 - Como vimos no capítulo anterior, poderia haver também equilíbrio móvel e deslocamento de equilíbrio, além da pura volta ao estado de equilíbrio primitivo. ("steady-state")

3 - O que corresponderia, por exemplo, à regressão na neurose de transferência.

zer", já que o precederia, em termos de desenvolvimento. Freud na verdade, estaria se referindo, através de suas observações da compulsão à repetição, à maneira como se processa o desenvolvimento psíquico humano. Cada processo "instintivo" obedece ao Princípio de Constância - e portanto ao Princípio do Prazer ao nível de psi-nuclear (Função Neurônica Secundária)¹ - como fator de busca de estado de equilíbrio, mas é a sua repetição e o seu exercício continuado, que vão permitir com que ele se torne sempre mais eficiente na busca de satisfação de necessidade (ou na fuga do objeto hostil, ou na agressão a este objeto hostil). As "montagens" "instintivas" dão prazer (ou evitam desprazer), mas a sua repetição está aquém do Princípio do Prazer, porque elas precisam ser exercitadas para se desenvolverem e se tornarem eficazes como sistemas capazes de obter prazer, ao nível de psi-pallium (processo Psíquico Primário)².

Haveria então duas tendências do psiquismo: uma para se desenvolver (da Função Neurônica Secundária ao Processo Psíquico Primário e daí ao Processo Psíquico Secundário); e outra para a busca, em cada etapa evolutiva, de uma configuração de equilíbrio (obtenção de prazer)³.

1 - Ver página 50 deste trabalho.

2 - Idem.

3 - Poderíamos dizer que a primeira é longitudinal e a segunda é transversal; ou então que a primeira é diacrônica e a segunda é sincrônica; ou ainda, que a primeira é genética e a segunda é estrutural.

A tendência ao desenvolvimento independe da configuração de equilíbrio (independe dos Princípios¹ do Prazer), mas leva a cada uma delas por sua própria evolução. Essa tendência ao desenvolvimento é uma programação instintiva², filogenética, que faz com que o sistema passe de uma configuração não homeostática para uma homeostática. Na realidade, a tendência para o desenvolvimento, embora não dependa da tendência para a busca de equilíbrio, está articulada com ela, da mesma forma que a técnica de construção de um termostato é diferente de seu funcionamento, mas está articulada com ele por levar a ele.

6.6 - A lógica da criação do "Todestrieb".

É então a partir da compulsão à repetição que Freud instituiu o conceito de "Todestrieb":

a) As manifestações da compulsão à repetição revelam a existência de um "instinto" ("Trieb"), isto é, de um processo que se inicia com a tensão de uma força perturbadora ("Triebfeder") que, atuando sobre um sistema estacionário³ (ou suscetível de deslocamento de equilíbrio; ou em equilíbrio móvel), "traz consigo" forças compensadoras ("Drang") que, anu-

1 - Percebe-se, nos escritos de Freud, a existência de dois Princípios do Prazer. Ver Barros (1 pg. 47) e páginas 50/51 deste trabalho.

2 - "Instinktiv" e não "Triebhaft".

3 - Ver o capítulo anterior.

lando a perturbação, restabeleçam a configuração de equilíbrio (a anterior: estacionariedade; ou uma nova configuração: deslocamento de equilíbrio ou equilíbrio móvel).

b) Fazendo uma comparação entre o processo "instintivo" e o ciclo vital, Freud conclui que o processo "instintivo" é análogo ao processo de criação de tensão vital por efeito de "forças externas", seguida do retorno ao estado inanimado, em consequência das forças compensadoras que anulam (matam) a tensão vital.

c) Nos sistemas em equilíbrio (estacionário, deslocamento de equilíbrio, equilíbrio móvel), toda força perturbadora gera uma força compensadora, isto é, todo "Trieb" (criador de tensão) gera um "Drang" (destruidor de tensão). Esta analogia faz com que Freud afirme, erradamente, que há duas espécies de "Trieb": "Liebestrieb" ("Instinto de Vida") e "Todestrieb" ("Instinto de Morte").

6.7 - Não há necessariamente volta ao estado anterior.

Ao estudar o processo "instintivo", vimos que ele obedece ao Princípio de Constância, bem como ao desejo ("Princípio de Relações Objetivas"¹). Freud prefere sempre se referir ao Princípio de Constância (ao nível da Função Neurótica Secundária) de tendência a abaixar a tensão energética

1 - Ver capítulo 3 deste trabalho.

que ultrapassa o nível constante de catexias, de modo a voltar a esse nível. Ao discutirmos a noção de equilíbrio, observamos que Freud, com isso, considerou o Princípio de Constância como uma volta ao estado de equilíbrio anterior, esquecendo-se de contar com a possibilidade de o retorno a um estado de equilíbrio poder se realizar através de um novo estado de equilíbrio, diferente do anterior (deslocamento de equilíbrio e equilíbrio móvel). Podemos então considerar, no processo "instintivo", que há forças perturbadoras ("Triebe") que afastam o sistema psíquico do estado de equilíbrio, gerando tensões energóticas, e que o sistema, por suas características, é capaz de colocar em ação forças compensadoras ("Drang") que levam o sistema a estar novamente em um estado de equilíbrio, mas não necessariamente o mesmo estado de equilíbrio anterior à ação das forças perturbadoras. Portanto, a idéia de restauração do estado primitivo das coisas perde seu caráter de apoio para a explicação da analogia feita por Freud com o processo vital.

6.8 - "Drang" não é "Trieb".

Além disso, como força responsável pela busca de um estado de equilíbrio é a força compensadora ("Drang") e não a força perturbadora ("Trieb"), não se justifica o uso do termo "Todestrieb" para designá-la. Freud confundiu o conceito de "Trieb" (a força perturbadora, externa ao sistema psíquico, que nela atua para tirá-lo do estado de equilíbrio) com o de "Drang" (a força compensadora, gerada pelo sistema)

psíquica, e atuando no ambiente, para fazê-lo voltar a um estado de equilíbrio). Perturbado pelo "Trieb", o sistema gera o "Drang" (que "mata" a tensão gerada pelo "Trieb"), o que não significa que "Drang" seja uma espécie de "Trieb" - o "Todestrieb".

Mesmo que, no modelo freudiano, houvesse sempre volta ao estado primitivo de equilíbrio, ele não poderia chamar o "Drang", que anula a tensão vital, de "Todestrieb", pois isso seria o mesmo que dizer: a força compensadora é uma força perturbadora que "mata" a força perturbadora¹.

6.9 - Não confundir: ciclo vital (e anulação da tensão vital - ou MORTE) com ciclo "instintivo" (e diminuição da tensão libidinal - que não é MORTE).

No ciclo vital, a estrutura inanimada² recebe³ uma força vital ("Liebestrieb") e fica com uma tensão vital, que traz consigo (devido às características do sistema) uma outra força ("Todesdrang") para destruir essa tensão. Todo ser, quando passa de inanimado para vivo, adquire uma ten-

1 - Seria mais adequado o termo "impulso de morte" ("Todesdrang"), no caso do ciclo vital.

2 - É não inorgânica, como Freud emprega ao longo de quase todo o ensaio Além do Princípio do Prazer.

3 - Como isto ocorre, não nos cabe discutir neste trabalho.

dência para a morte¹.

No ciclo "instintivo", o Aparelho Psíquico recebe uma força ("Triebfeder"; "libido") originada no organismo, fica com uma tensão libidinal que "traz consigo" (devido às características do sistema) uma tendência para diminuir essa tensão e voltar a um estado de equilíbrio; isto poderia quer dizer que esta tendência tem o objetivo de "matar" a tensão libidinal, jamais porém o de "matar" o indivíduo. Freud, inadvertidamente, fez uma transposição inadequada da Biologia para a Psicologia; transposição do "Drang" que anula a vida ("Todesdrang", mas não "Todestrieb" !) para o "Drang" que anularia a libido (mas não a vida !).

1 - Isto corresponde à noção de estabilidade (ou deslocamento de equilíbrio). Outro caso particular de estabilidade de um sistema corresponde à segunda lei da Termodinâmica: num sistema fechado, todo acréscimo de potencial termodinâmico "traz consigo" uma tendência (compensadora) de reduzir este potencial, isto é, de aumentar a entropia. Todas as diferenças de potencial térmico tendem a anular-se, havendo portanto uma degradação da energia do sistema. A entropia é a medida dessa degradação, dessa desordem equalizadora. A sintropia (ou anti-entropia ou ainda neguentropia) é a medida da ordem, da diferenciação. O universo, considerado como um sistema fechado, obedece a esta lei, o que também ocorre com os seres vivos a ele pertencentes. Os organismos vivos quebram, durante algum tempo, esta lei, já que se des-envolvem; a explicação para esta quebra pode ser dada pela informação que eles recebem - filogenética e ontogeneticamente - (explicação esta tornada possível após a elucidação do paradoxo dos "demônios de Maxwell") (44 pg. 92 e 54).

6.10 - A passagem de "Todestrieb" para "Instinto de Morte".

Se acrescentarmos, às idéias de Freud, o trabalho de tradução¹ realizado por Strachey e outros, chegamos então ao "instinto de morte" ("death instinct"), conceito espúrio que adquiriu importância vital para certas teorias psicanalíticas que, inadvertidamente, o endossaram e valorizaram (46 e 47).

6.11 - As dúvidas de Freud.

Não nos parece um acaso o fato de Freud, contrariando os hábitos que revelou através de sua obra, ter expresso, em vários momentos do ensaio Além do Princípio do Prazer, uma certa insegurança quanto à validade do conceito que estava criando:

Na página 44 encontramos "... we should consequently feel relieved if the whole structure of our argument turned out to be mistaken." Na página 59 ele diz que "It may be asked whether and how far I am myself convinced of the truth of the hypotheses that have been set out in these pages. My answer would be that I am not convinced myself and that I do not seek to persuade other people to believe in them". A página 62 começa com a frase "If it is really the case that seeking to restore an earlier state of things is such a universal characteristic of instincts...".

1 - Em que "Trieb" é traduzido por "instintivo". No capítulo 2, discutimos e criticamos a tradução feita por ... Strachey.

Ele termina o ensaio dizendo que "We must be ready, too, to abandon a path that we have followed for a time, if it seems to be leading to no good end. Only believers, who demand that science shall be a substitute for the catechism they have given up, will blame an investigator for developing or even transforming his views. We make take comfort, too, for the slow advances of our scientific knowledge in the words of the poet:

'What we cannot reach flying we must reach limping.

.....

The Book tells us it is no sin to limp.' "

Embora endossando e admirando o conteúdo dessas palavras que dão um belo fechamento ao ensaio, chama-nos a atenção essa espécie de compulsão para repetir a constatação de uma dúvida quanto ao valor de sua criação.

Talvez seja interessante recorrer ao que Freud diz à página 23 do mesmo ensaio: "A great deal of what might be described as the compulsion of destiny seems intelligible on a rational basis; so that we are under no necessity to call in a new and mysterious motive force to explain it." Acreditamos que as palavras que ele usa nesta frase, podem servir, sob medida, para que a apliquemos em relação ao seu conceito de "Todestrieb":

... portanto não temos necessidade de recorrer a uma nova e misteriosa força motivadora para explicar algo que nos parece racionalmente inteligível.

7 - CONCLUSÕES

Procuramos, nos capítulos anteriores, examinar o aparecimento e o significado, na bibliografia psicanalítica, do conceito de "instinto de morte", tendo chegado a algumas conclusões:

A compulsão a repetir situações desagradáveis (que conduzirá a argumentos a favor da criação do conceito de "Todestrieb"), para Freud indica haver algo além do Princípio do Prazer, mais primitivo e mais elementar que ele. A compulsão a repetir revela, na verdade, algo aquém do Princípio do Prazer - algo que o precede, na sequência do desenvolvimento, pois representa a necessidade de aprimoramento das "montagens instintivas" que vão permitir a obtenção do prazer (ou a evitação de desprazer).

"Instinto de morte" é uma tradução inadequada de "Todestrieb", já que "Trieb", para Freud, não corresponde a um instinto - um impulso congênito -, e sim a um complexo ciclo de processos, que se origina numa fonte somática, com o surgimento de uma "tensão de necessidade", que atua como força perturbadora ("Triebfeder") do sistema neurônico, afastando-o de seu equilíbrio. Dadas as características do sistema neurônico (estabilidade; equilíbrio móvel; deslocamento de equilíbrio), ele tenderá a compensar essa perturbação, buscando alcançar novamente uma configuração de equilíbrio (através do retorno à configuração original; ou através de evolução contínua ou de evolução descontínua para novas configurações de equi

líbrio). O restabelecimento do equilíbrio corresponde ao estado final do ciclo "instintivo", que coincide com a satisfação da necessidade biológica e, por conseguinte, com a anulação da tensão de necessidade, na fonte. Aqui, Freud comete um deslize, quando afirma que o sistema psíquico tende a voltar para o mesmo nível de catexias que existia anteriormente à perturbação sofrida. Vimos que as forças compensadoras levam-nos a voltar a uma configuração de equilíbrio, mas não necessariamente à mesma que existia antes de ocorrer a perturbação.

Em suma, a "Teoria Instintiva" ("Triebtheorie"), para Freud, corresponde ao estudo do ciclo provocado pela energia da fonte somática ("Triebkraft"), cujo potencial ("Triebfeder"), como vimos, atua como "força perturbadora" em relação ao sistema neurônico. O acréscimo de tensão ("Spannung") neste sistema "traz consigo"; pelas condições de equilíbrio do sistema, o aparecimento de uma "força compensadora" - chamada, por Freud, de impulso para descarga ("Drang"), capaz de anular os efeitos do "Trieb (feder)".

O conceito de "Todestrieb", resulta de uma confusão feita por Freud entre "Trieb" e "Drang". Ao se referir à "força compensadora", gerada pelo sistema psíquico para "matar" a perturbação provocada pelo "Trieb", isto é, para fazer com que o sistema volte a um configuração de equilíbrio, Freud usa a expressão "Todestrieb". Essa "força compensadora", porém, corresponde, evidentemente, a um "Drang", e, no caso do ciclo vital, a um "Todesdrang", mas jamais a um "Todestrieb".

Freud confunde a tendência à anulação da tensão vital - a MORTE - com a tendência à anulação da tensão libidinal - QUE NÃO É MORTE. Nos dois casos ocorre a anulação da força perturbadora por uma força compensadora, porém os parâmetros tensionais (vida e libido) são homólogos mas não são idênticos. No ciclo vital, a vida "traz consigo" uma tendência para a morte; no ciclo "instintivo", a libido "traz consigo" uma tendência para anular o acréscimo de tensão, isto é, para "matar" a força libidinal, mas não para matar o indivíduo. São dois casos de sistemas, com equilíbrio perturbado, em busca de uma configuração de equilíbrio; são dois casos distintos, embora homólogos, mas não idênticos.

As distorções feitas por Freud para chegar ao "Todestrieb" (e, em decorrência de seu dualismo, ao "Liebestrieb" ou "Eros"), aliadas à desajeitada tradução recebida pelo termo, cabaram por estabelecer, na bibliografia psicanalítica que se seguiu à sua obra, a postulação de um novo instinto, o "instinto de morte".

Em Além do Princípio do Prazer [32], onde Freud estabelece o conceito de "Todestrieb", pudemos notar expressões de insegurança quanto à viabilidade de sua construção¹, o que representa uma abertura e uma posição de dúvida científica que nos parece meritória. Em trabalhos posteriores, entretanto, ele abandona essas dúvidas, incorporando, deci-

1 - As dúvidas expressas por Freud quanto à criação do "Todestrieb", foram por nós citadas nas páginas 67/68 deste trabalho.

dida e taxativamente, o "Todestrieb" à Psicanálise Teórica. No Ego e o Id ele volta a afirmar haver duas classes de "Triebe" - "Trieb" de vida e "Trieb" de morte, embora considerando que o "Trieb" de vida é clamoroso, enquanto que o "Trieb" de morte é mudo ?? (33 pg. 46 e 39 pg. 150) Em Análise Terminável e Interminável (38) e no Esquema de Psicanálise (39), ele reafirma categoricamente a existência das duas classes de "Triebe", indo buscar (com distorções) em Empédocles¹, justificativa para essa dualidade (38 pgs. 245/246).

1 - É interessante observar que Empédocles considerava que o trabalho do amor dava como resultado seres de duplo sexo, enquanto que o conflito (o ódio) é que separava esses seres em machos e fêmeas, "abastecendo o mundo com vida orgânica" (64 pg. 4008). Freud estaria então invertendo os significados que Empédocles atribui ao amor e ao ódio, quando considera o primeiro como criador e o segundo como destruidor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - BARROS, C.P. Contribuição à Controvérsia sobre o Ponto de Vista Econômico. In: Psicanálise: Problemas Metodológicos, Vozes, 1975, Coleção Consciência, Vol. 2.
- 2 - BARROS, C.P. Notas de aulas, Rio, PUC, 1971.
- 3 - BARROS, C.P. Thermodynamic and Evolutionary Concepts in the Formal Structure of Freud's Metapsychology. In: The World Biennial of Psychiatry and Psychotherapy, New York, Basic Books, 1971, Vol. I.
- 4 - BIBRING, E. The Development and Problems of the Theory of the Instincts. In: International Journal of Psychoanalysis, 1969, nº 50.
- 5 - CHAUCHARD, P. La Mort, Paris, P.U.F., 1966.
- 6 - DREVER, J. A Dictionary of Psychology, Maryland, Penguin 1966.
- 7 - FLETCHER, R. Instinct in Man, New York, International Universities Press, 1957.
- 8 - FODOR, N.; GAYNOR, F. Freud, Dictionary of Psychoanalysis, Greenwich, Fawcett,

- 9 - FREUD, A. Prefacio a la Biblioteca de la Clinica Hampstead. In: H. Nagera (ed.), Desarrollo de la Teoria de los Instintos en la Obra de Freud, Buenos Aires, Hormé, 1975.
- 10 - FREUD, S. La Afasia (1891), Buenos Aires, Nueva Visión, 1973.
- 11 - FREUD, S. Hysteria (1888). In: J. Strachey (ed.) The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, London, Hogarth, Vol. I.
- 12 - FREUD, S. Preface to the Translation of Bernheim's Suggestion (1888). In: J. Strachey (ed.) Standard Edition, London, Hogarth, Vol. I.
- 13 - FREUD, S. Sketches for the 'Preliminary Communication' of 1893 (1892). In: J. Strachey (ed.), Standard Edition, London, Hogarth, Vol. I.
- 14 - FREUD, S. Some Points for a Comparative Study of Organic and Hysterical Motor Paralyses (1893). In: J. Strachey (ed.), Standard Edition, London, Hogarth, Vol. I.
- 15 - FREUD, S. Draft D (1894). In: J. Strachey (ed.), Standard Edition, London, Hogarth Vol. I.
- 16 - FREUD, S. Draft E (1894). In: J. Strachey (ed.), Standard Edition, London, Hogarth, Vol. I.

- 17 - FREUD, S. Draft G (1895). In: J. Strachey (ed.), Standard Edition, London, Hogarth, Vol. I.
- 18 - FREUD, S. Letter 71 (1897). In: J. Strachey (ed.), Standard Edition, London, Hogarth, Vol. I.
- 19 - FREUD, S. Project for a Scientific Psychology. In: J. Strachey (ed.), Standard Edition, London, Hogarth, Vol. II.
- 20 - FREUD, S.; BREUER, J. On the Psychological Mechanism of Hysterical Phenomena: Preliminary Communication (1893), In: J. Strachey (ed.), Standard Edition, London, Hogarth, Vol. II.
- 21 - FREUD, S. The Neuro-Psychoses of Defence (1894). In: J. Strachey (ed.), Standard Edition, London, Hogarth, Vol. III.
- 22 - FREUD, S. On the Grounds for Detaching a Particular Syndrome from Neurasthenia under the Description 'Anxiety Neurosis' (1895). In: J. Strachey (ed.), Standard Edition, London, Hogarth, Vol. III.
- 23 - FREUD, S. The Interpretation of Dreams (1900). In: J. Strachey (ed.), Standard Edition, London, Hogarth, Vol. IV e V.

- 24 - FREUD, S. Three Essays on the Theory of Sexuality (1905)
In: J. Strachey (ed.), Standard Edition, London,
Hogarth, Vol. VII.
- 25 - FREUD, S. Remembering, Repeating and Working Through
(1914). In: J. Strachey (ed.), Standard Edition,
London, Hogarth, Vol. XII.
- 26 - Freud, S. On Narcissism: an Introduction (1914). In:
J. Strachey (ed.), Standard Edition, London,
Hogarth, Vol. XIV.
- 27 - FREUD, S. Instincts and Their Vicissitudes (1915). In:
J. Strachey (ed.), Standard Edition, London,
Hogarth, Vol. XIV.
- 28 - FREUD, S. Repression (1915). In: J. Strachey (ed.), Stan-
standard Edition, London, Hogarth, Vol. XIV.
- 29 - FREUD, S. The Unconscious (1915), In: J. Strachey (ed.)
Standard Edition, London, Hogarth, Vol. XIV.
- 30 - FREUD, S. A Case of Paranoia Running Counter to the Psy-
choanalytic Theory of the Disease (1915). In:
J. Strachey (ed.), Standard Edition, London,
Hogarth, Vol. XIV.
- 31 - FREUD, S. From The History of an Infantile Neurosis (19
18). In: J. Strachey (ed.), Standard Edition
London, Hogarth, Vol. XVII.

- 32 - FREUD, S. Beyond the Pleasure Principle (1920). In: J. Strachey (ed.), Standard Edition, London, Hogarth, Vol. XVIII.
- 33 - FREUD, S. The Ego and the Id (1923). In: J. Strachey (ed.), Standard Edition, London, Hogarth, Vol. XIX.
- 34 - FREUD, S. The Economic Problem of Masochism (1924). In: J. Strachey (ed.), Standard Edition, London, Hogarth, Vol. XIX.
- 35 - FREUD, S. A Note upon the 'Mystic Writing-Pad' (1925). In: J. Strachey (ed.), Standard Edition, London, Hogarth, Vol. XIX.
- 36 - FREUD, S. Inhibitions, Symptoms and Anxiety (1926). In: J. Strachey (ed.), Standard Edition, London, Hogarth, Vol. XX.
- 37 - FREUD, S. Female Sexuality (1931). In: J. Strachey (ed.), Standard Edition, London, Hogarth, Vol. XXI.
- 38 - FREUD, S. Analysis Terminable and Interminable (1937). In: J. Strachey (ed.), Standard Edition, London, Hogarth, Vol. XXIII.
- 39 - FREUD, S. An Outline of Psychoanalysis (1938). In: J. Strachey (ed.), Standard Edition, London, Hogarth, Vol. XXIII.

- 40 - GURALNIK, D.B. (ed.). Webster's New World Dictionary of the American Language, New York, William Collins and World Publishing, 1974.
- 41 - HARRIMAN, P. L. Dictionary of Psychology, New York, Philosophical Library, 1947.
- 42 - HEIMANN, P. Notes on the Theory of Life and Death Instincts. In: M. Klein et alii (eds.), Developments in Psychoanalysis, London, Hogarth, 1952.
- 43 - HOLDER, A. Instinto e Impulso. In: H. Nagera (ed.), Desarrollo de La Teoría de los Instintos en la Obra de Freud, Buenos Aires, Hormé, 1975.
- 44 - HUNEEUS, F. Una Fundamentación Científico-Natural del Concepto de Gestalt. In: Acta Psiquiat. Psicol. Amer. Lat., Santiago, 1976, n° 22.
- 45 - JONES, E. Vida e Obra de Sigmund Freud, Rio, Zahar, 1970.
- 46 - KLEIN, M. et alii. New Directions in Psychoanalysis, New York, Basic Books, 1955.
- 47 - LACAN, J. Écrits, Paris, Seuil, 1966.
- 48 - LAGACHE, D. A Psicanálise, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1966.

- 49 - LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Vocabulário de Psicanálise, Santos (Lisboa), Martins Fontes, 1970.
- 50 - LISBONA, Y. Equilíbrio, Aditividade e Reversibilidade na Teoria de Jean Piaget, Rio de Janeiro, PUC, 1971.
- 51 - LOCKE, J.; BERKELEY, G.; HUME, D.; The Empiricists, New York, Dover, 1956.
- 52 - LOTKA, A. J. Elements of Mathematical Biology, New York, Dover, 1956.
- 53 - MEERS, D. Compulsión Repetitiva. In: H. Nagera (ed.), Desarrollo de la Teoría de los Instintos en la Obra de Freud, Buenos Aires, Hormé, 1975.
- 54 - MEHLER, S. Teoria de los Instintos de Freud y Entropia, Notas mimeografadas, Conferência pronunciada na PUC, Rio de Janeiro, 1976.
- 55 - MONEY-KYRLE, R. E. An Inconclusive Contribution to the Theory of the Death Instinct. In: M. Klein et al. (eds.), New Directions in Psychoanalysis, New York, Basic Books, 1955.
- 56 - MULLER, E. C. A Metapsicologia de Sigmund Freud como uma Neuropsicologia, Rio de Janeiro, PUC, 1976.

- 57 - NAGERA, H. Introducción. In: H. Nagera (ed.), Desarrollo de la Teoría de los Instintos en la Obra de Freud. Buenos Aires, Hormé, 1975.
- 58 - NEVES, M.A.C.M. Correspondência Formal entre Modelos Psicodinâmicos de Freud e Kurt Lewin, Rio de Janeiro, PUC, 1972.
- 59 - PEREZ, L.S. Muerte y Neurosis, Buenos Aires, Paidós, 1965.
- 60 - PIAGET, J. Seis estudos de Psicologia, Rio de Janeiro, PUC, 1973.
- 61 - SÁ EARP, A.C. Uma Reavaliação Metapsicológica dos Conceitos de Defesa, Repressão e Resistência, Rio de Janeiro, PUC 1973.
- 62 - STRACHEY, J. Editor's Note to Instincts and Their Vicissitudes. In: J. Strachey (ed.), The Standard Edition Complete Psychological Works of Sigmund Freud, London, Hogarth, 1966, Vol. XIV.
- 63 - STRACHEY, J. Notes on Some Technical Terms, whose Translation Calls for Comment. In: J. Strachey (ed.) The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, London, Hogarth, 1966, Vol. I.
- 64 - WALLACE, W. et al. Empedocles (verbete). In: Encyclopaedia Britannica, Chicago, E.B., 1958, Vol. 8.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/
RJ, fazendo parte da banca examinadora os seguintes profes-
sores:

Carlos P. Sabros

PROF. CARLOS PAES DE SABROS (ORIENTADOR)
DEPTª PSICOLOGIA - PUC/RJ

Maria Aparecida C. M. Neves

PROFA. MARIA APARECIDA C. M. NEVES
DEPTª EDUCAÇÃO - PUC/RJ

Isidoro Eduardo A. do Brasil

PROF. ISIDORO EDUARDO A. DO BRASIL
CENTRO DE ESTUDOS DE ANTROPOLOGIA CLÍNI-
CA

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 20/04/78.

Vera Maria Bandeira

Coordenador dos Programas de Pós-Gradua-
ção do Centro de Teologia e Ciências Hu-
manas.